



ACADEMIA MILITAR

A Combined Joint Task Force Como Novo Modelo de Emprego De Forças – Estudo de Caso: A Batalha de Mosul

Autor: Aspirante de Infantaria Pedro Nuno Fernandes Pereira de Melo Matias

Orientador: Professor Doutor António José Telo

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2019



ACADEMIA MILITAR

A Combined Joint Task Force Como Novo Modelo de Emprego De Forças – Estudo de Caso: A Batalha de Mosul

Autor: Aspirante de Infantaria Pedro Nuno Fernandes Pereira de Melo Matias

Orientador: Professor Doutor António José Telo

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2019

EPÍGRAFE

One Mission, Many Nations.

Lema da CJTF-OIR

AGRADECIMENTOS

Este Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada é o culminar de um percurso de cinco anos na Academia Militar, feito de sucessivos desafios e conquistas, momentos de alegria e de tristeza. Quero por isso usar as próximas linhas para agradecer àqueles que percorreram este caminho comigo, ou que de alguma forma me influenciaram ao longo do mesmo.

Ao meu Orientador, o Professor Doutor António José Telo quero agradecer a inspiração que me deu para realizar esta investigação, bem como todo o auxílio e acompanhamento que me facultou durante a realização da mesma, sempre com a maior disponibilidade para responder às minhas dúvidas.

Ao meu Diretor de Curso, o Tenente-Coronel Ribeiro, quero agradecer pela disponibilidade que demonstrou não só a mim, mas a todo o curso, para nos auxiliar nos diversos problemas que surgiram durante o curso, pela camaradagem e pela forma próxima e amigável como sempre nos tratou.

Aos meus camaradas do Curso de Infantaria 2017-2019, quero agradecer todos os momentos de camaradagem e amizade, toda a ajuda, motivação e força que me deram ao longo dos últimos anos. Sem vocês não estaria onde estou hoje.

À minha família e amigos, agradeço o enorme apoio que me deram durante todo o meu percurso na Academia, e pelos sacrifícios que fizeram para poder seguir o meu sonho.

À minha namorada, por nunca desistir de mim, por estar sempre ao meu lado e me acompanhar neste duro percurso. Sem ti não seria quem sou hoje.

A todos o meu profundo obrigado.

RESUMO

Este trabalho corresponde ao Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, realizado como parte do Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria, na Academia Militar, e está subordinado ao tema: “A Combined Joint Task Force Como Nova Forma de Emprego De Forças – Estudo de Caso: A Batalha de Mossul”.

Esta investigação consiste na análise dos combates contra o Daesh no Iraque, nomeadamente no que respeita à intervenção internacional na forma da *Combined Joint Task Force – Operation Inherent Resolve*, uma organização criada em outubro de 2014 com o propósito de organizar e integrar os esforços de vários países no combate ao Daesh.

O objetivo da investigação é de analisar o conflito durante o período entre 2014 e 2017, com destaque para a Batalha de Mossul, entre outubro de 2016 e julho de 2017, para compreender quais foram os principais contributos da CJTF-OIR para a vitória das forças iraquianas sobre o Daesh, especialmente em Mossul.

Para isto, construímos a nossa investigação como um estudo qualitativo, com base no método hipotético-dedutivo, e recorreremos a uma extensa análise documental, de forma a facultar um enquadramento teórico e histórico ao conflito em estudo. A informação na qual baseamos a nossa investigação consiste fundamentalmente em relatórios e relatos das batalhas, efetuados por várias entidades e instituições de estudos militares, e em testemunhos de quem esteve envolvido na mesma.

Concluímos através do nosso estudo que os principais contributos da CJTF-OIR durante a Batalha de Mossul consistiram em facultar às forças iraquianas o Domínio da Informação, através de sistemas de vigilância, de comunicações e guerra eletrónica, e do emprego de forças de operações especiais, e de apoiar diretamente o combate através dos fogos de artilharia e morteiros, e do apoio aéreo proporcionado pelas aeronaves da Coligação e coordenado por unidades especializadas como as *Strike Cells*. Em conjunto, estas duas componentes permitem alcançar um grande nível de precisão e de rapidez que possibilitou que o Daesh fosse expulso de Mossul. Adicionalmente também relevamos o papel do treino e formação das forças iraquianas por parte da CJTF-OIR, que permitiu reabilitar as Forças de Segurança Iraquianas após estas terem sofrido enormes baixas em 2014.

Palavras-Chave: CJTF-OIR, Daesh, FSI, Daesh, Mossul

ABSTRACT

This is the Final Scientific Report of the Applied Research Paper, carried out as part of the Integrated Masters in Military Sciences in the Infantry Specialty, at the Military Academy, and is subordinated to the theme: "The Combined Joint Task Force as a New Way of Force Employment - Case Study: The Battle of Mosul ".

This investigation consists of an analysis of the fighting against Daesh in Iraq, in particular regarding international intervention in the form of the Combined Joint Task Force - Operation Inherent Resolve, an organization created in October 2014 to organize and integrate the efforts of several countries in the fight against Daesh.

The objective of the investigation is to analyse the conflict during the period between 2014 and 2017, especially the Battle of Mosul, between October 2016 and July 2017, to understand what were the main contributions of the CJTF-OIR to the victory of Iraqi forces over Daesh, especially in Mosul.

For this, we constructed our investigation as a qualitative study, based on the hypothetical-deductive method, and we used an extensive documentary analysis, in order to provide a theoretical and historical framework to the conflict. The information on which we base our investigation consists primarily of reports and accounts of battles conducted by various entities and institutions for military studies, and testimonies of those who have been involved in it.

We conclude from our study that the main contributions of the CJTF-OIR during the Battle of Mosul were to provide Iraqi forces with the information superiority through surveillance, communications and electronic warfare systems and the use of special operations forces, and to directly support combat through artillery fires and mortars, and the air support provided by Coalition aircraft and coordinated by specialized units such as the Strike Cells. Together, these two components allowed a great level of precision and speed that enabled the Daesh to be expelled from Mosul. Additionally, we also noted the role of training of Iraqi forces by the CJTF-OIR, which allowed the rehabilitation of Iraqi Security Forces after they suffered great casualties in 2014.

Keywords: CJTF-OIR, Daesh, ISF, Daesh, Mosul

INDÍCE GERAL

EPÍGRAFE	i
AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iv
INDÍCE GERAL	v
INDÍCE DE FIGURAS.....	viii
ÍNDICE DE TABELAS	ix
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	x
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO	5
1.1 Análise do Conflito	5
1.1.1 O Iraque – um breve resumo da história moderna	5
1.2 O Estado Islâmico	7
1.3 O conceito de <i>Task Force</i>	9
1.3.1 Origem do Termo	9
1.3.2 As <i>Joint Task Forces</i>	11
1.3.3 A <i>Combined Joint Task Force</i>	11
1.4 Os Conflitos do Caos	13
1.5 A Guerra e o Domínio da Informação	14
1.5.1 A Informação	14
1.5.2 A <i>Air Land Battle</i>	15
1.5.3 O <i>Network Centric Warfare</i>.....	15
1.5.4 A Informação e os Conflitos do Caos.....	17
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	18
2.1 Enquadramento	18

2.2 Definição do Problema de Investigação.....	18
2.3 Método de Abordagem.....	19
CAPÍTULO 3 - MÉTODOS E MATERIAIS	21
3.1 Enquadramento	21
3.2 Método Descritivo.....	21
3.3 Método Histórico	21
3.4 Estudo de Caso.....	22
3.5 Técnicas de Pesquisa e Fontes de Dados.....	22
CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO.....	23
4. O Conflito com o Daesh e a atuação da CJTF-OIR	23
4.1 Enquadramento	23
4.2 Ataque do Daesh em 2014	24
4.2.1 Os primeiros ataques.....	24
4.2.2 O Ataque a Mossul	24
4.2.3 A Expansão e Consolidação	26
4.3 Fatores por detrás da queda de Mossul.....	28
4.3.1 As Forças de Segurança Iraquianas	28
4.3.2 Fatores Políticos	30
4.4 A Resposta da Comunidade Internacional.....	31
4.5 A Reconquista de Tikrit.....	32
4.6 A Batalha de Mossul.....	34
4.6.1 A Preparação	34
4.6.2 A Cidade	35
4.6.3 Primeira Fase: o Cerco.....	36
4.6.4 Segunda Fase: o Ataque à Cidade Este	37
4.6.5 Terceira Fase: o Ataque à Cidade Oeste	38
4.6.6 Contributos da CJTF-OIR	40

4.6.6.1 Plataformas de Vigilância Vídeo	40
4.6.6.2 Apoio de Fogos	41
4.6.6.3 Apoio Aéreo.....	42
4.6.6.4 Meios de Engenharia	42
4.6.6.5 Operações Especiais	43
4.6.6.6 Assessores	43
4.6.6.7 Guerra Eletrónica.....	44
CAPÍTULO 5 - CONCLUSÃO	45
5.1 Introdução	45
5.2 Verificação das Hipóteses de Investigação	45
5.3 Resposta às Perguntas Derivadas.....	47
5.4 Resposta à Pergunta de Partida	48
5.6 Considerações finais	49
5.7 Limitações da Investigação	50
5.8 Recomendações para Estudos Futuros	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
APÊNDICES.....	I
Apêndice A – Armamento Ligeiro do Daesh	I
Apêndice B – Armamento Pesado do Daesh	II
ANEXOS	III
Anexo A – Ataques Aéreos da Coligação no Iraque, entre agosto de 2014 e janeiro de 2019	III
Anexo B - Ataques Aéreos da Coligação durante a ofensiva em Mossul.....	IV
Anexo C - Avanço das FSI.....	V
Anexo D – Composição de uma <i>Strike Cell</i>	VI

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 1- Distribuição Étnica, Religiosa e Tribal no Iraque	6
Figura 2 – O Network Centric Warfare.....	16
Figura 3- Diagrama do ataque do Daesh a Mossul	25
Figura 4- Território iraquiano controlado pelo Daesh em setembro de 2014	27
Figura 5 – Território sob controlo do Daesh no início de 2015	33
Figura 6 – Fases do Ataque a Mossul	37
Figura 7 – Baixas da Coligação em relação à distância até à Mesquita de Al-Nuri na Cidade Velha Fonte: Mosul Study Group, 2017	39
Figura 8 - Ataques Aéreos da Coligação no Iraque, entre agosto de 2014 e janeiro de 2019	III
Figura 9-Ataques Aéreos da Coligação durante a ofensiva de Mossul.....	IV
Figura 10 – Mapa do Avanço das FSI entre janeiro e julho de 2017.....	V
Figura 11 – Composição genérica de uma <i>Strike Cell</i>	VI

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Dimensões da Informação.....	14
Tabela 2- Relação entre Perguntas Derivadas e Hipóteses de Investigação	20
Tabela 3 – Armamento Ligeiro do Daesh	I
Tabela 4 – Armamento Pesado do Daesh.....	II

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AD – Airborne Division
ADSI – Air Defense Systems Integration
AFATDS – Advanced Field Artillery Tactical Data System
ALO – Army Liaison Officer
AMD – Air and Missile Defense
AMDWS – Air and Missile Defense Workstation
AQI – Al-Qaeda in Iraq
ARCENT – Army Central Command
AVN – Aviation
BCT – Brigade Combat Team
BICES – Battlefield Information Collection and Exploitation
CALL – Center for Army Lessons Learned
CDE – Collateral Damage Estimation
CIA – Central Intelligence Agency
CJOC – Combined Joint Operations Center
CJTF – Combined Joint Task Force
CJTF-OIR – Combined Joint Task Force – Operation Inherent Resolve
CNN – Cable News Network
COIN – Counter Insurgency
CPA – Coalition Provisional Authority
CTF – Combined Task Force
CTS – Counter Terrorist Service
Daesh - *Dawla al-Islamiya fi Iraq*
DOD – Department of Defense
EBSCO – Elton B. Stephens Company
FSI – Forças de Segurança Iraquianas
GOI – Government of Iraq
ICG – International Crisis Group
IED – Improvised Explosive Device
IRGC – Islamic Revolutionary Guard Corps
IS – Islamic State

ISIL – Islamic State of Iraq and the Levant
ISIS – Islamic State of Iraq and Syria
ISOF – Iraqi Special Operations Forces
JFLCC-I – Joint Forces Land Component Command – Iraq
JSTAR – Joint Surveillance Target Attack Radar System
JSTOR – Journal Storage
JTAC – Joint Terminal Attack Controller
JTF – Joint Task Force
KG - *Kampfgruppe*
KRG – Kurdistan Regional Government
LNO – Liaison Officer
MAGTF – Marine Air-Ground Task Force
MEB – Marine Expeditionary Brigade
MEF – Marine Expeditionary Force
MEU – Marine Expeditionary Unit
mIRC – multiuser Internet Relay Chat
MSG – Mosul Study Group
NA5CRO – Non Article 5 Crisis Response Operations
NATO – North Atlantic Treaty Organization
OCJCS – Office of the Chairman of the Joint Chiefs of Staff
OE – Objetivo Específico
OG – Objetivo Geral
PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
PD – Pergunta Derivada
PDE – Publicação Doutrinária do Exército
PMF – Popular Mobilization Forces
PP – Pergunta de Partida
SIPR – Secure Internet Protocol Router
SOF – Special Operation Forces
SOTG – Special Operations Task Group
TAIS – Tactical Airspace Integration System
TF – Task Force
TRADOC – Training and Doctrine Command
UAV – Unmanned Aerial Vehicle

UN – United Nations

UNAMI – United Nations Assistance Mission for Iraq

US – United States

USMA – United States Military Academy

USMC – United States Marine Corps

VBIED – Vehicle Borne Improvised Explosive Device

WEU – Western European Union

1 INTRODUÇÃO

2
3 Este Relatório Científico Final diz respeito ao Trabalho de Investigação Aplicada
4 intitulado “A Combined Joint Task Force Como Nova Forma de Emprego De Forças –
5 Estudo de Caso: A Batalha de Mossul”, que foi desenvolvido nos anos letivos 2017-2018 e
6 2018-2019, no âmbito do Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de
7 Infantaria, e corresponde à parte final do ciclo de estudos do mesmo.

8 Este tema foi escolhido devido ao interesse sobre o assunto no panorama dos conflitos
9 atuais, e sendo este um acontecimento relativamente recente existe ainda pouca literatura no
10 plano nacional que se debruce concretamente sobre a Batalha de Mossul de 2016-2017, o
11 que nos motivou ainda mais para enveredarmos por esta linha de investigação. A nossa
12 investigação encontra-se portanto delimitada, no espaço pelo território do Iraque, e no tempo
13 no período entre 2014 e 2017, embora sejam feitas referências ao período antecedente para
14 efeitos de enquadramento teórico e histórico

15 Relativamente ao foco da nossa investigação, a Batalha de Mossul, consideramos que
16 a análise da mesma é pertinente e relevante, devido a esta ser a segunda maior cidade do
17 Iraque, e a maior que esteve sobre o domínio do Daesh e a partir de onde o grupo declarou
18 o Califado sobre todo o Islão (Marr & Al-Marashi, 2018; UN Habitat, 2016). A reconquista
19 em 2017 constituiu uma grande vitória para as forças da Coligação e do Iraque em particular,
20 que conseguiu provar que era mais uma vez capaz de defender o seu território e a sua
21 população.

22 Este trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo corresponde ao
23 enquadramento teórico e histórico, e está construído de forma a fornecer um contexto e a
24 estabelecer os antecedentes dos acontecimentos à volta dos quais se centra a investigação. É
25 feita uma breve introdução ao atual conflito no Iraque, referindo os antecedentes ao
26 surgimento do Daesh. De seguida fazemos uma análise ao desenvolvimento e expansão do
27 Daesh, não tanto na sua vertente de organização terrorista mas sim no panorama de um grupo
28 insurgente que cresceu até se constituir como um verdadeiro exército, sendo que seguimos
29 a abordagem defendida pelo Coronel Patrick Work (2018): “*If ISIS is anything it is an army*”.
30 Após isto são apresentados e descritos alguns conceitos que julgamos serem essenciais à
31 investigação. O primeiro destes é o conceito de CJTF, sendo descrita de forma sumária a sua
32 evolução ao longo do Século XX, desde as *Task Forces* navais, passando pelos
33 Agrupamentos e *Kampfgruppen*, até ao conceito atual de forças combinadas e conjuntas.

1 Introduzimos de seguida o conceito atual de Conflitos do Caos, sendo esta a tipologia de
2 conflito que julgamos aplicar-se à realidade do Iraque, onde se combina uma crise do poder
3 soberano, com uma crise humanitária e um fenómeno terrorista à escala global (Telo,
4 Borges, & Pires, 2018). Por último fazemos uma breve explicação do conceito de
5 informações, aludindo à sua crescente importância na forma como se faz a guerra no mundo
6 moderno, desde o conceito de *Air Land Battle* dos anos 1980 até à moderna doutrina do
7 *Network Centric Warfare*, focada no conceito de *Information Superiority*. (Alberts, Garstka,
8 & Stein, 2000).

9 No segundo capítulo abordamos a metodologia utilizada para desenvolver esta
10 investigação, definindo o problema de investigação e a Pergunta de Partida que servirá para
11 guiar a nossa investigação. O Objetivo Geral da investigação consiste em compreender a
12 forma como o combate aos grupos jihadistas radicais, nomeadamente o Daesh, evoluiu na
13 forma da *Combined Joint Task Force – Operation Inherent Resolve*, e como esta foi aplicada
14 na Batalha de Mossul, que foi descrita como a maior operação militar terrestre dos últimos
15 quinze anos (Watson, 2017). Este Objetivo Geral foi decomposto em três Objetivos
16 Específicos, que servem o propósito de definir as vertentes concretas do conflito que
17 devemos analisar de forma a conseguir cumprir o Objetivo Geral. Assim, os Objetivos
18 Específicos (OE) são:

19 **OE 1** - Compreender a forma como o Daesh foi capaz de crescer e de se sobrepor às
20 Forças de Segurança Iraquianas

21 **OE 2** - Caracterizar as técnicas utilizadas pelo Iraque e pela CJTF-OIR no combate
22 ao Daesh

23 **OE 3** - Analisar o caso da Batalha de Mosul, entre outubro de 2016 e julho de 2017
24 de forma a identificar os fatores que levaram ao sucesso das Forças de Segurança Iraquianas
25 e da CJTF-OIR.

26

27 Estando definido o Objetivo Geral, construímos a Pergunta de Partida desta
28 investigação, “Qual a importância do emprego da CJTF-OIR no combate contra o Daesh
29 durante a Batalha de Mossul?”, que de forma semelhante aos Objetivos, decomusemos em
30 cinco Perguntas Derivadas, de forma a facilitar a abordagem ao tema, circunscrevendo os
31 esforços de pesquisa (Rosado, 2015), sendo estas as seguintes:

32 **PD 1** – Porque é que o Daesh foi capaz de fazer avanços tão rápidos e significativos
33 no início de 2014?

34 **PD 2** – Como se articulou a CJTF-OIR com as forças locais?

1 **PD 3** – Qual a importância do domínio da informação na atuação da CJTF-OIR?

2 **PD 4** – Qual a importância do treino e formação prestado pela CJTF-OIR?

3 **PD 5** – Seria a conquista de Mossul possível sem a CJTF-OIR?

4
5 Desta forma construímos a nossa investigação seguindo o Método Hipotético-
6 Dedutivo, proposto por Karl Popper, que consiste na “formulação de hipóteses ou conjeturas
7 que melhor relacionam e explicam os fenómenos” (Sarmiento, 2013, p.9), associado a
8 abordagem qualitativa, na qual o objetivo é a observação e interpretação dos factos,
9 (Prodanov & Freitas, 2013). Para isto foram definidas cinco Hipóteses de Investigação (HI),
10 para responder a cada uma das Perguntas Derivadas, que serão posteriormente verificadas
11 com base nos factos observados, sendo confirmadas ou desmentidas. As Hipóteses de
12 Investigação são então as seguintes:

13 **HI 1** – As Forças de Segurança Iraquianas sofriam de problemas de moral, eram mal
14 coordenadas e não tiveram o apoio da população

15 **HI 2** – A CJTF-OIR opera através de células de informações, equipas de operações
16 especiais, elementos de apoio aéreo e de fogos e equipas de treino e formação

17 **HI 3** – O domínio da informação é essencial no combate ao Daesh, e em qualquer
18 combate moderno.

19 **HI 4** – O treino e formação por parte da CJTF-OIR foi fundamental para a
20 recuperação das FSI

21 **HI 5** – Sozinhas, as FSI poderiam ter recapturado a cidade de Mossul, mas teriam
22 demorado muito mais e sofrido imensas baixas

23
24 No Capítulo 3 são descritos os métodos, técnicas e procedimentos utilizados para
25 realizar a investigação, nomeadamente o Método Descritivo, o Método Histórico, e o Estudo
26 de Caso associado à Batalha de Mossul, que nos permitirão analisar e interpretar os
27 acontecimentos e factos de forma a responder à Pergunta de Partida e às Perguntas Derivadas
28 e cumprir os Objetivos da investigação. São ainda neste capítulo descritas as fontes de
29 informação utilizadas, nomeadamente através da pesquisa bibliográfica, para recolher a
30 informação necessária, e destas quais as que foram mais importantes para definir o Estado
31 da Arte.

32 No Capítulo 4 fazemos a apresentação, interpretação e discussão da informação
33 recolhida através da pesquisa bibliográfica, descrevendo primeiro a invasão do Iraque por
34 parte do Daesh em 2014, depois a conquista da cidade de Tikrit por parte das Forças de

1 Segurança Iraquianas em conjunto com a CJTF-OIR, e por último a preparação e execução
2 do ataque à cidade de Mossul, salientando os principais contributos da CJTF-OIR para a
3 batalha.

4 Por fim, no Capítulo 5 apresentamos as nossas conclusões do estudo, fazendo a
5 verificação das Hipóteses de Investigação e formulando as respostas às Perguntas Derivadas
6 e à Pergunta de Partida. Relembramos os Objetivos da investigação para aferir se estes foram
7 alcançados, referindo também as limitações da investigação. Por último, apresentamos
8 algumas recomendações para estudos futuros.

9

10

11

12

13

CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO

1.1 Análise do Conflito

1.1.1 O Iraque – um breve resumo da história moderna

A história recente do Iraque é marcada por sectarismo e caracterizada por sucessivos conflitos armados. Na década de 1980, a guerra com o vizinho Irão deixou o Iraque com um exército, que embora continuasse a ser dos maiores do mundo, estava fragilizado (Coleman, 2013), e apesar de grandes esforços e investimentos por parte do governo, provocou um grande impacto na economia iraquiana (Marr & Al-Marashi, 2018).

O governo de Saddam Hussein e do partido Baath viria a cair em 2003, após a *Operation Iraqi Freedom*, e o exército iraquiano foi desmobilizado. Este foi o fim de quarenta e cinco anos de governo Baath, trinta e quatro dos quais com Saddam no poder. Este partido tinha como base de poder uma elite Sunita, que constituía apenas cerca de 20% da população total, e durante a liderança de Saddam focou-se na repressão dos outros dois grupos sociopolíticos principais, os Xiitas e os Curdos, (Hughes, 2010) recorrendo a ataques com armas químicas contra estes últimos em 1988. Durante anos, o regime favoreceu a minoria sunita na atribuição de cargos públicos e militares, aumentando a tensão política e social no Iraque (Shamieh & Szenes, 2015). Além disto, Saddam recorreu a receitas da venda de petróleo para suportar várias tribos sunitas, que passaram a estar integradas na estrutura de poder do partido Baath, dependendo deste para a manutenção da sua privilegiada posição social e económica (Hughes, 2010).

Esta discriminação levou à criação de núcleos de apoio ao regime em torno das zonas de maioria sunita, como Mossul. Hamilton (2008) estimou que mais de 300.000 pessoas desta região ocupavam cargos na estrutura governamental, nomeadamente nos setores da Defesa, Segurança e Informações, incluindo mais de 7000 oficiais das Forças Armadas, de acordo com Knights (2005) e a Guarda Republicana, a força de elite do exército de Saddam, tinha uma maioria sunita no seu corpo de oficiais (Hughes, 2010).

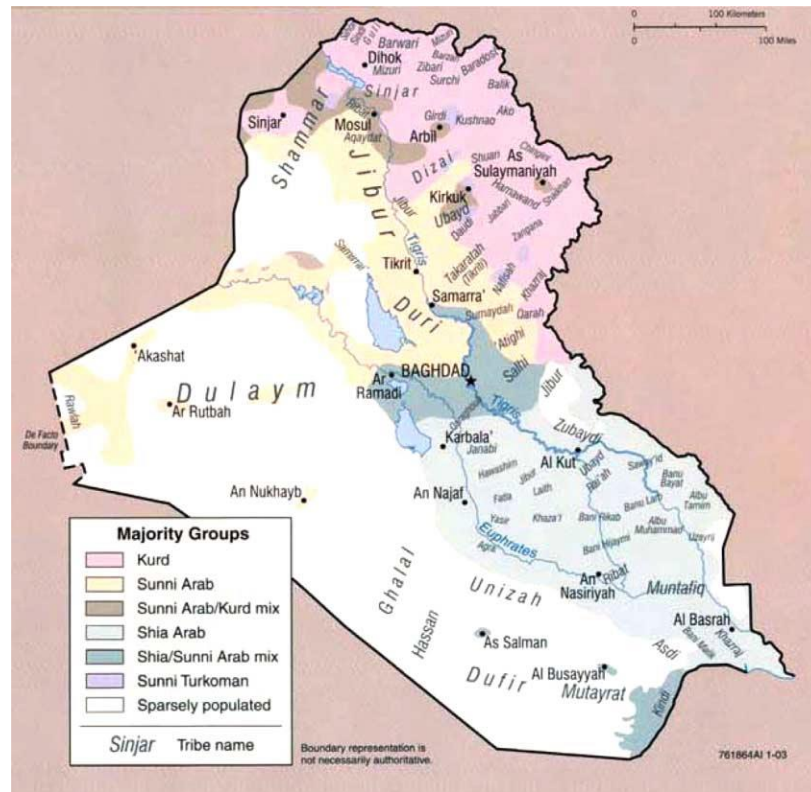


Figura 1- Distribuição Étnica, Religiosa e Tribal no Iraque

Fonte: Hughes, 2010

Após a invasão em 2003, foi instaurado um governo provisório, a *Coalition Provisional Authority* (CPA), que lançou uma campanha de *De-Baathificação*, com vista a remover os apoiantes do regime de Saddam do poder e dos cargos públicos (Marr & Al-Marashi, 2018). Esta política foi criticada por David Petraeus, ex diretor da CIA e comandante das forças americanas no Iraque, pois fez com que fosse mais difícil de reconstruir o país, uma vez que a maior parte dos quadros qualificados fossem afastados, o que viria a comprometer os esforços de *nation building*, e fomentou o aumento do radicalismo (O’Driscoll, 2016). Os sunitas, que tinham vivido décadas em condições privilegiadas foram afastados, grande parte perdeu o seu emprego, dando origem a condições de se criarem movimentos radicalistas e insurgências (Hughes, 2010).

Em 2004 as insurgências sunitas cresceram, e surge a figura de Abu Mussab al-Zarqawi, como líder do grupo *Tawhid wal Jihad*, que posteriormente jura fidelidade à Al-Qaeda e muda o seu nome para Al-Qaeda no Iraque (Renard & Taillat, 2008).

1.2 O Estado Islâmico

As origens do Estado Islâmico, começam precisamente com a Al-Qaeda no Iraque (AQI). Apesar de ter declarado fidelidade à Al-Qaeda, liderada por Osama bin Laden, a organização de al-Zarqawi diferenciou-se claramente desta, levando mesmo a tensões entre as duas. As causas desta tensão prendem-se principalmente com diferenças ideológicas e estratégicas (Shamieh & Szenes, 2015). Apesar de terem objetivos finais semelhantes, a união de todos os povos islâmicos na *Umma*, uma única identidade política seguindo a lei Sharia, Lemos Pires refere que o Estado Islâmico do Iraque, entre outros grupos, se distanciaram da Al-Qaeda, nomeadamente “das suas visões globais e formas de atuação limitada” (Pires, 2016, p.25). Na realidade, al-Zarqawi orienta o foco da sua *Jihad* não na luta contra o Ocidente, através de atentados como os de Nova Iorque, Londres, ou Madrid, mas sim na luta interna contra os infiéis, levando a cabo ataques contra alvos civis, principalmente Xiitas. Esta violência sectária viria mesmo a sobrepor-se à insurgência contra os Estados Unidos e a Coligação, havendo ocasiões em que guerrilhas Sunitas atacavam insurgentes Xiitas que se encontravam em combate contra forças americanas, o que impediu que se constituísse um “movimento Anti-Coligação a nível nacional” (Hughes, 2010). Antes da sua morte em 2006, al-Zarqawi declarou guerra contra os Xiitas e Curdos, e inicia uma onda de atrocidades e terror por todo o Iraque. Desta forma, o conflito no Iraque é definido não só como uma insurgência que combate contra os invasores, mas também como a luta sectária entre os três grupos sociopolíticos principais da região, principalmente os Xiitas, que eram vistos como hereges (Shamieh & Szenes, 2015).

Após a morte de Zarqawi, sucede-lhe Abu Ayyub al-Masri como líder da AQI, até 15 de outubro de 2006, data em que a organização é renomeada como o *Dawla al-Islamiya fi Iraq* (Shamieh & Szenes, 2015) ou *Dawlat al-Iraq al-Islamiyya* (Renard & Taillat, 2008), o Estado Islâmico do Iraque. Este nome reflete, segundo Renard & Taillat, a transformação do grupo de um grupo terrorista internacional, para um movimento insurgente a nível local, mas que continuava a ter aspirações e objetivos a nível global:

“From a strategic point of view, the name «ISI» concluded the new glocal orientation of the group. The first part of the new name, «Islamic State», was a message addressed to the ideologues of al-Qaeda to indicate that the group was part of the global jihadi struggle; while the word «Iraq» rooted the fight in a local context, in order to gain popular support (Renard & Taillat, 2008, p.3)”

1 O Daesh, acrónimo árabe de *Dawlat al-Iraq al-Islamiyya*, é então o termo que iremos
2 utilizar para nos referirmos à organização. Recentemente este tem sido o termo utilizado por
3 vários líderes mundiais, e algumas fontes afirmam que o nome Daesh é pejorativo para os
4 membros do grupo, devido à semelhança com outras palavras em árabe, e porque elimina a
5 associação direta com o Islão (Baldaia, 2015; Dolgov, 2015; Tooth, 2015; Yuhas, 2014).

6 O Daesh estabelece-se então como uma organização bem estruturada, com o objetivo
7 de estabelecer um governo, com um gabinete de ministros, órgãos judiciais, legislativos,
8 executivos e financeiros, e com uma presença significativa no ciberespaço, recorrendo a uma
9 forte campanha de propaganda virtual para recrutar combatentes estrangeiros (Gates &
10 Podder, 2015).

11 A brutalidade das suas ações viria a levar o Daesh até à beira da extinção, quando no
12 fim de 2006 se forma o movimento *Al-Sahwah*, “O Despertar”, uma aliança de cerca de 40
13 tribos Sunitas, que se unem para combater as insurgências e expulsar o Daesh do Iraque. O
14 *Sahwah*, juntamente com as forças do GOI, e reforçadas pelo “*troop surge*” de mais 20.000
15 militares americanos em fevereiro de 2007 conseguiu derrotar os insurgentes e libertar
16 grande parte do território que estes ocupavam (Hughes, 2010). O movimento espalhou-se
17 por todo o Iraque, e contribuiu para a estabilização do país e diminuição da violência sectária
18 e do número de ataques terroristas por quase 90% no final do ano, pondo fim à guerra civil
19 entre Xiitas e Sunitas. Apesar do seu sucesso, a aliança entre governo, Coligação e o *Sahwah*
20 era ténue. O governo de Nouri al-Maliki via os membros do movimento como milícias
21 sunitas que podiam tornar-se hostis no futuro, e estes desconfiavam do governo porque não
22 acreditavam que Maliki os integrasse nas Forças de Segurança Iraquianas.

23 Inicialmente Maliki aceitou aos pedidos dos Sunitas, sendo pressionado pelos Estados
24 Unidos para estabelecer um comité de integração, e integrou parte dos grupos que
25 constituíam o *Sahwah*, mas à medida que o seu governo se consolidava começou a perseguir
26 alguns líderes destes grupos, como os “Filhos do Iraque”, prendendo vários líderes e
27 confiscando a sua propriedade. Para Maliki, estes combatentes estavam sob o controlo dos
28 Estados Unidos, pois eram financiados pelos americanos, e procurou influenciar tribos no
29 sul do Iraque para o apoiarem, aumentando a sua base de poder (Marr & Al-Marashi, 2018).

30 Este desmembramento do *Sahwah*, e o início da retirada de forças da Coligação a
31 partir do verão de 2009 contribuiu para o seu enfraquecimento, juntamente com as Forças
32 de Segurança Iraquianas, que perderam muita da sua capacidade para controlar o território e
33 combater os grupos insurgentes como o Daesh. Assim, a retirada fez com que este inimigo,
34 que estaria quase totalmente derrotado, voltasse a ganhar fôlego e aproveitando a

1 incapacidade do Governo do Iraque, retomou parte do território, aumentou o recrutamento e
 2 libertou combatentes das prisões iraquianas (Shamieh & Szenes, 2015). Adicionalmente, a
 3 instabilidade causada pela guerra civil que começou na Síria em 2011, deu espaço para o
 4 Daesh crescer e expandir a sua influência para este país, estabelecendo a *Jabat al-Nusra*. A
 5 Al-Nusra viria a desenvolver-se dentro da Síria, e o Daesh procurou tomar proveito disto,
 6 absorvendo o grupo, renomeando-se “Estado Islâmico do Iraque e da Síria”, (sigla na língua
 7 inglesa “ISIS”). Utilizando a Síria como base firme para consolidar e aumentar as suas
 8 forças, o Daesh lançou um ataque contra o Iraque em janeiro de 2014, capturando Fallujah.
 9 No dia 9 de junho desferem um golpe surpresa contra a cidade de Mossul, a segunda maior
 10 cidade do Iraque, capturando-a rapidamente, e continuando a sua ofensiva para sul,
 11 conquistam as cidades de Tikrit e Baiji no dia 11, Tal Afar a 15, e Rawa, Ana, Husayba e
 12 Rutba caíram até ao dia 22. “No espaço de um mês, o ISIS conquistou quase um terço do
 13 território iraquiano.” (Marr & Al-Marashi, 2018, p.289).

14 O líder do grupo, Abu Bakr al-Baghdadi declara-se Califa, adotando o nome Ibrahim,
 15 no dia 29, a partir da antiga mesquita em Mossul, proclamando o Estado Islâmico deixando
 16 de parte as limitações “do Iraque e da Síria”, o que reflete as suas ambições de estabelecer
 17 um Califado que una todos os muçulmanos e apagar as fronteiras impostas pelo acordo de
 18 Sykes-Picot de 1924 (Shamieh & Szenes, 2015). O grupo chama assim, todos os
 19 muçulmanos a unirem-se em torno de al-Baghdadi, a prestarem-lhe homenagem (*bay'ah*) e
 20 a apoiarem o Estado Islâmico.

21

22 **1.3 O conceito de *Task Force***

23 **1.3.1 Origem do Termo**

24 Uma Task Force, ou Força Tarefa, (TF) é um agrupamento temporário de unidades
 25 militares que é agrupado temporariamente sob um comandante, para desempenhar uma
 26 missão específica. Esta é a definição que é dada por vários dicionários e manuais militares,
 27 no entanto o nome foi atribuído a várias forças diferentes ao longo do tempo, com algumas
 28 variações e especificidades. Inicialmente foi utilizado pela Marinha dos Estados Unidos
 29 durante a Segunda Guerra Mundial, para designar uma unidade destacada de uma frota, à
 30 qual era dada uma designação numérica sequencial consoante a frota a que pertencia. Por
 31 exemplo, a TF 58 fazia parte da 5ª Frota. No relatório sobre a atividade operacional da
 32 Marinha dos Estados Unidos no Pacífico podemos ler que “Estas Task Forces conferiam

1 flexibilidade operacional em qualquer situação” (University Publications of America [UPA],
 2 1990, p.7).

3 Um conceito comparável ao da Task Force naval foi desenvolvido pelo Exército
 4 Alemão durante a 2ª Guerra Mundial: o “*Kampfgruppe*” (KG), literalmente “Grupo de
 5 Batalha”. Estas eram unidades *ad-hoc* formadas para desempenhar uma missão ou tarefa
 6 específica, cujo escalão variava entre companhia e regimento, e que podiam incluir
 7 elementos de várias armas e serviços. Todas as divisões blindadas alemãs praticavam a
 8 implementação do conceito, e o equilíbrio entre os diferentes elementos, por exemplo
 9 infantaria, blindados, artilharia, engenharia, variava consoante a missão que lhe era atribuída
 10 (House, 1984). Normalmente eram formadas a partir de um batalhão ou regimento de
 11 blindados, que constituía o “centro” do *Kampfgruppe* e o nome do seu comandante, que era
 12 por norma o comandante do *Kampfgruppe*, era dado ao mesmo. Os *Kampfgruppe* foram
 13 utilizados em todas as principais campanhas da guerra na Europa, e demonstraram a sua
 14 grande flexibilidade e eficácia, principalmente na defesa na parte final da guerra (Lucas,
 15 2014).

16 O sucesso dos KG foi notado pelos aliados, que adaptaram a sua organização para
 17 implementar formações semelhantes. No final da guerra, as divisões americanas, em
 18 particular as blindadas, estavam desenhadas para se constituírem para combate em 3
 19 “*Combat Commands*”, nomeados “A”, “B”, e “R” de reserva, de forma a serem mais
 20 flexíveis, e operavam quase exclusivamente desta forma (Carrick-Adams, 2014).

21 Em Portugal, o conceito das formações de armas combinadas foi implementado na
 22 forma do Agrupamento, para unidades de escalão batalhão, e Subagrupamento, para
 23 unidades de escalão companhia (Academia Militar, 2016). Na Guerra Colonial foram
 24 utilizadas formações desta tipologia, não só dentro do Exército mas também incluindo
 25 elementos da Força Aérea e da Marinha, para realizar diversas operações. Uma formação
 26 deste tipo foi criada para a Operação “Tridente”, que decorreu no Teatro de Operações da
 27 Guiné entre 14 de janeiro a 24 de março de 1964. Esta operação teve como objetivo expulsar
 28 o PAIGC das ilhas de Caiar, Como e Catunco, no sul da Guiné, e para isso as forças
 29 portuguesas foram organizadas em cinco Agrupamentos: A, B, C, D e E. Estes foram
 30 formados a partir das seguintes unidades: Companhias de Cavalaria 487, 488 e 489,
 31 Companhia de Caçadores 557, Pelotão de Paraquedistas 111, Grupo de Comandos
 32 “RAPOSA” e os Destacamentos de Fuzileiros Especiais 2, 7 e 8, apoiados por um Pelotão
 33 de Obuses 8,8mm do Batalhão de Artilharia de Catió e um de Morteiros do Batalhão de

1 Caçadores 600, e ainda vários meios aéreos e navais (Alves, Ferreira, & Rodrigues, 2009;
2 Lousada, Escorrega, & Menezes, 2011).

3 **1.3.2 As *Joint Task Forces***

4 O conceito foi expandido para incluir componentes de outros ramos das forças
5 armadas, designando-se nestes casos como *Joint Task Force*. Experiências com exercícios
6 no período que antecedeu a guerra revelaram a falta de capacidade para operações entre
7 ramos, nomeadamente na área das operações anfíbias (Greenwood, 1993). Apesar disto, são
8 formadas as primeiras unidades conjuntas entre Exército e Marinha, as *Task Forces Western,*
9 *Central e Eastern,* incluindo um total de mais de 100.000 homens e 80 navios dos Estados
10 Unidos e Reino Unido (Gray et al., 1984). Este tipo de organização continuaria a ser utilizado
11 ao longo do conflito em sucessivas operações.

12 Posteriormente, a organização de uma força para a realização de operações anfíbias
13 foi desenvolvida e padronizada pelo Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos (USMC),
14 surgindo a designação *Marine Air-Ground Task Force* (MAGTF). Utilizadas pela primeira
15 vez em 1953, as MAGTF apenas foram definidas formalmente em 1962, como “uma
16 organização desenhada para explorar o potencial de combate inerente em operações aéreas
17 e terrestres cuidadosamente integradas” (West, 1999, p.2). Atualmente, os *Marines*
18 consideram três tipos de MAGTF, as *Marine Expeditionary Units* (MEU), *Marine*
19 *Expeditionary Brigades* (MEB), e *Marine Expeditionary Forces* (MEF), correspondendo
20 sensivelmente aos escalões Regimento, Brigada e Corpo de Exército (United States Marine
21 Corps [USMC], 2019).

23 **1.3.3 A *Combined Joint Task Force***

24 O último acrescento ao conceito de Task Force prende-se com a junção de unidades
25 ou elementos de vários países, atribuindo-se a designação “*Combined*” para obter a
26 *Combined Joint Task Force*, ou Força Tarefa Conjunta Combinada em português, abreviada
27 CJTF.

28 Apesar de existirem vários exemplos de forças de vários países e ramos unidas sob
29 um mesmo comando, mais evidentemente na Segunda Guerra Mundial mas não só, o
30 conceito foi formalizado e proposto apenas recentemente, em 1993 pelos Estados Unidos,
31 como parte de uma proposta para adaptar a NATO às mudanças no paradigma dos conflitos

1 internacionais. Num relatório do *Institute for National Strategic Studies*, intitulado “*NATO’s*
 2 *Bold New Concept – CJTF*”, podemos ver espelhadas as características e objetivos
 3 fundamentais da criação de CJTFs. Admitem-se três tipos de CJTF: “*Pure NATO*”, “*NATO-*
 4 *plus*” e “*Western European-Led*” ou “*WEU*”. A primeira, tal como o nome indica, seria
 5 composta por forças de um máximo de quinze membros da NATO. A segunda prevê
 6 possíveis cooperações com países que façam parte do programa *Partnership for Peace*, e a
 7 terceira admite uma força composta maioritariamente por países membros da então União
 8 da Europa Ocidental, cujas funções e responsabilidades foram transferidas para a União
 9 Europeia em 2011.

10 O objetivo das CJTF, segundo o espelhado no relatório, seria realizar Operações de
 11 Resposta a Crise, fora do âmbito do Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, denominadas
 12 vulgarmente por NA5CRO. Não obstante disto, foram criadas CJTF para outro tipo de
 13 operações, nomeadamente no âmbito do combate ao terrorismo, como a CJTF 180 para a
 14 invasão do Afeganistão em 2001 e a CJTF 7 após a invasão do Iraque em 2003. Ambas as
 15 forças eram lideradas pelos Estados Unidos que contribuía com o maior número de
 16 homens, no entanto também estavam presentes outros contingentes tanto de países da
 17 NATO, como de outros, por exemplo forças especiais da Austrália tanto na CJTF 180 e na
 18 CJTF 7 (Tucker, 2010).

19 Atualmente, cada vez mais operações militares levadas a cabo por nações ocidentais
 20 é desempenhada por forças conjuntas. O “*joint*” é cada vez mais a resposta que estes países
 21 dão aos desafios operacionais modernos, com a projeção de forças multidimensionais em
 22 que são integradas armas e serviços de vários ramos, de vários países e onde se incluem
 23 também componentes civis. Estas forças têm a vantagem de combinar especialidades que
 24 são transversais a todos os ramos, como as operações especiais, as informações, e a cada vez
 25 mais importante componente da ciberdefesa (Telo et al., 2018).

26 Um exemplo recente da aplicação deste conceito, e aquele que vamos abordar ao
 27 longo da investigação, é o da CJTF-OIR. A *Combined Joint Task Force - Operation Inherent*
 28 *Resolve* foi criada a 17 de outubro de 2014 pelo Departamento da Defesa para organizar e
 29 conduzir ações de combate ao Daesh, inicialmente no Iraque, crescendo depois para englobar
 30 também a Síria, na chamada *Combined Joint Operations Area*. Usualmente apelidada de
 31 “Coligação Global” ou apenas “A Coligação”, a CJTF-OIR engloba membros de 79 nações,
 32 de todos os ramos, e também agências civis.

33 Esta CJTF difere significativamente das outras que mencionamos anteriormente,
 34 desde logo na sua dimensão e no grau e tipo do seu envolvimento. Ao contrário do

1 antecedente, o foco principal da CJTF-OIR é na prestação de apoio de fogos, informações
2 e assessoria, o chamado “*Advise and Assist*”, e no treino e formação, em bases em Besmaya,
3 Bagdad, Erbil, Al Asad e Camp Taji. Desta forma, a Coligação procura alcançar a vitória em
4 conjunto com os parceiros regionais, nomeadamente o Iraque, de forma que sejam forças
5 iraquianas a derrotar o Daesh, o que facilitará a estabilização da região (Combined Joint
6 Task Force Operation Inherent Resolve [CJTF-OIR], 2017a). Iremos aprofundar a nossa
7 análise à constituição e funcionamento da CJTF-OIR em capítulos seguintes.
8

9 **1.4 Os Conflitos do Caos**

10 Atualmente estamos perante um fenómeno em expansão, a crescente proliferação de
11 poderes paralelos, que desafiam a soberania tradicional e que procuram derrubar os governos
12 tradicionais. A este fenómeno dá-se o nome de Conflitos do Caos, que é abordado em
13 profundidade na obra “Dar uma Razão à Força e uma Força à Razão” (Telo et al., 2018). O
14 Caos é caracterizado pelo enfraquecimento ou colapso de um Estado Soberano, que dá
15 espaço para que esses movimentos dissidentes surjam e cresçam. Estes podem variar em
16 dimensão e em amplitude, desde pequenas zonas em que a autoridade do Estado é posta em
17 causa, como nas favelas do Brasil, até plenas guerras civis como vimos na Síria, Iraque e
18 Líbia. Podemos assim dizer que um Conflito do Caos acontece quando existe a quebra na
19 capacidade de um ou mais Estados Soberanos de exercerem autoridade e controlarem parte
20 ou a totalidade do seu território, dando espaço para o crescimento de novos poderes
21 paralelos.

22 As causas por detrás dos Conflitos são várias, entre as quais “[a] crise ambiental,
23 explosão demográfica, desemprego tecnológico, crescimento das populações desalojadas e
24 migrantes (...) são as causas profundas do caos” (Telo et al., 2018, p.168). Os autores
25 apontam ainda para as intervenções militares internacionais como um fator que pode ter
26 causado, ou pelo menos que contribuiu para o desenvolvimento do Caos, nomeadamente no
27 Médio Oriente.

28 Militarmente, os Conflitos do Caos originam um espaço de batalha complexo, em
29 que não existem fronteiras entre Estados, onde há dificuldade em identificar o que é um alvo
30 inimigo e o que não é, porque este se mistura com a população. A complexidade desta
31 ameaça torna necessário adotar uma estratégia total e multidisciplinar, como a que está a ser

1 implementada no Iraque e na Síria através da CJTF-OIR, e para a qual o domínio da
 2 informação é um elemento determinante.

3
 4 **1.5 A Guerra e o Domínio da Informação**

5 **1.5.1 A Informação**

6 Para podermos falar da importância do Domínio da Informação no campo de batalha
 7 moderno, há primeiro que estabelecer uma definição do que é realmente a Informação. De
 8 uma forma resumida, a informação consiste na interpretação de observações individuais e
 9 simples, aplicando as mesmas num contexto apropriado (Alberts, Garstka, Hayes, & Signori,
 10 2001). De uma forma geral, as observações simples e sem contexto, por exemplo imagens
 11 de um sistema de videovigilância, têm a designação de dados, e qualquer dado não
 12 processado que possa ser usado para produzir informações é uma notícia (Ministério da
 13 Defesa Nacional [MDN], 2009). A doutrina nacional descreve as informações como “o
 14 produto resultante do processamento de notícias” mas também “os elementos que
 15 contribuem para o conhecimento do inimigo provável ou atual e da área de operações”
 16 (MDN, 2009, p.1-5).

17 Segundo a conceção aceite pelo Departamento da Defesa dos Estados Unidos, na sua
 18 publicação *JP 3-13 Information Operations*, a informação são os “dados num contexto que
 19 informe ou confira significado para uma ação” (Office of the Chairman of the Joint Chiefs
 20 of Staff [OCJCS], 2014, p. I-3). Segundo este conceito, a informação existe num ambiente
 21 da informação, que é uma componente do espaço de batalha, composto por três dimensões:
 22 a física, a cognitiva e a informacional, que resumimos na seguinte tabela:

23
 24 **Tabela 1 - Dimensões da Informação**

25

Dimensões	Componentes	Elementos
Física	Centros de Comando e Controlo, Sistemas de Recolha, Análise e Transmissão de informação	Sistemas de C2 de forças amigas e inimigas
Cognitiva	Mentes dos indivíduos e grupos que transmitem, recebem, interpretam e agem com base na informação	Entidades que tomam decisões e lidam com a informação

Informacional	Recolha, Transmissão e da Informação	Processamento, e Armazenamento	Internet, terreno, meteorologia e efeitos das armas que afetam o ambiente da informação
---------------	--------------------------------------	--------------------------------	---

1 Fonte: Adaptado de OCJCS, 2014, p. I-2,I-3 e MDN, 2009, p.4-5,4-6

2 As informações são um elemento de crucial importância para o comandante, uma vez
3 que possibilitam a avaliação das capacidades do inimigo, e também a antecipação ou
4 previsão das suas ações, conferindo uma vantagem decisiva a quem as domina (MDN, 2009).

6 1.5.2 A Air Land Battle

7 Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos, e por extensão, a NATO, apostaram numa
8 abordagem qualitativa ao desenvolvimento de equipamentos e tecnologias militares. O
9 objetivo era contrariar a superioridade numérica do Bloco Soviético com superioridade
10 tecnológica. Para este efeito foram desenvolvidas armas e sistemas cada vez mais avançados
11 e mais dispendiosos, mas que permitiam obter uma vantagem significativa no campo de
12 batalha, principalmente devido a níveis inéditos de precisão. Estes sistemas obtinham a sua
13 superioridade devido à integração com sistemas de recolha e tratamento de informação que
14 se desenvolveram em paralelo, e que lhes conferem a sua precisão e letalidade. Devido a isto
15 surge uma doutrina focada no domínio da informação, a *Air Land Battle*. Esta doutrina
16 assenta na rápida aquisição, tratamento e distribuição de informação sobre o inimigo, que
17 permite agilizar os processos de decisão dos vários escalões operacionais, em conjunto com
18 as novas armas de precisão, que permitem atingir os centros de comando e controlo do
19 inimigo, afetando a sua capacidade de coordenar as suas forças e retirando-lhe a iniciativa.
20 Desta forma, “a informação, o comando, a coordenação e o controlo tornaram-se o coração
21 da nova arte militar” (Telo & Pires, 2013, p.23).

22 Esta foi a primeira adaptação da doutrina militar à Era da Informação, a “época
23 histórica em que predomina a informação como instrumento privilegiado de afirmação do
24 poder” (Santos, 2016, p.68).

26 1.5.3 O Network Centric Warfare

27 Atualmente a doutrina evoluiu para o “*Network Centric Warfare*”, onde o objetivo é
28 obter o “*full-spectrum dominance*”, que é definido como: “*The cumulative effect of*

1 *dominance in the air, land, maritime, and space domains; electromagnetic spectrum; and*
 2 *information environment (which includes cyberspace) that permits the conduct of joint*
 3 *operations without effective opposition or prohibitive interference” (OCJCS, 2019, p.97).*

4 Podemos então afirmar que nos conflitos modernos, o domínio da informação é um
 5 fator essencial do domínio do campo de batalha, conferindo liberdade de ação. Torna-se
 6 determinante obter a Superioridade de Informação, definida como “a vantagem operacional
 7 obtida da capacidade de recolher, processar e disseminar um fluxo ininterrupto de
 8 informação enquanto se explora ou nega a capacidade do adversário fazer o mesmo”
 9 (OCJCS, 2014, p.GL-2). Fala-se agora de “*Network Centric Warfare*”, onde o objetivo
 10 principal é obter a superioridade de informação.

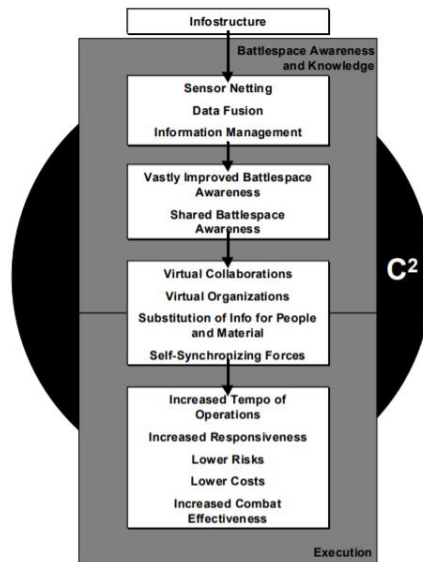


Figura 2 – O Network Centric Warfare

Fonte: Alberts, Garstka & Stein, 2000, p. 89

12 Atualmente existe um espaço de batalha interligado pelas redes e sistemas de
 13 informação e comando e controlo, que permitem passar de uma força concentrada para uma
 14 geograficamente dispersa, e de um foco na massificação de forças para a massificação de
 15 efeitos. Esta forma de combater tem a vantagem de reduzir a presença física no campo de
 16 batalha, e conseqüentemente o risco de baixas (Alberts et al., 2000). A redução das baixas
 17 torna-se especialmente importante nos atuais Conflitos do Caos, o principal teatro de
 18 operações para as forças militares do Ocidente, onde um número elevado de baixas é
 19 inaceitável e pode levar a um desastre político (Telo et al., 2018).

1

2 **1.5.4 A Informação e os Conflitos do Caos**

3 Nos conflitos da atualidade a informação torna-se cada vez mais importante,
4 nomeadamente nos Conflitos do Caos. Nestes casos, onde o inimigo se confunde com a
5 população a aquisição de alvos é progressivamente mais difícil, e onde a vantagem no campo
6 de batalha não pode ser feita somente através da superioridade no armamento, porque como
7 vemos no caso do Daesh, o armamento é praticamente o mesmo nos dois lados do conflito.¹

8 Desta forma é imperioso obter a Superioridade da Informação, e isto exige o emprego
9 de meios e tecnologias extremamente caros e complexos, que apenas grandes potências
10 como os Estados Unidos podem empregar.

11 Numa estratégia de contra-insurgência completa e multifacetada, a informação é vital
12 para impedir o surgimento de uma insurgência ou atrasar o seu desenvolvimento. Blizinski
13 (2016) refere que uma das quatro componentes da estratégia COIN adotada pelos Estados
14 Unidos é a “*information functionality*”, que pode ser explicada em duas vertentes: o
15 conhecimento sobre a insurgência, informações sobre os movimentos insurgentes e a sua
16 organização, e a influência sobre a população, a informação difundida pela população que
17 ajuda a criar um ambiente estável e seguro e retira a base de apoio da insurgência.

18 No caso do combate ao Daesh, o que podemos observar é precisamente isto, as forças
19 ocidentais estão no terreno para fornecer estas capacidades às forças locais, através de meios
20 de aquisição de alvos, guerra eletrónica e vigilância das comunicações e do campo de
21 batalha, que permitem acompanhar os movimentos dos jihadistas e conferem eficácia às
22 operações convencionais (Telo et al., 2018).

¹ Apêndices A e B

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1 Enquadramento

Neste capítulo iremos definir a metodologia de investigação que foi utilizada durante a realização do trabalho, de forma a garantir o rigor e a credibilidade da mesma, bem como a correção epistemológica das conclusões obtidas, que garantirá a replicabilidade dos resultados. Para tal há que basear os métodos e técnicas de investigação utilizados em práticas existentes e reconhecidas pela comunidade académica.

Desta forma pretendemos caracterizar o modelo de análise e de abordagem, bem como os métodos de pesquisa, e importa ainda definir a tipologia das fontes de informação de forma a atestar a credibilidade das mesmas.

2.2 Definição do Problema de Investigação

No início de qualquer trabalho científico é necessário definir o Tema de Investigação, (Rosado, 2015). Este irá estabelecer o Objetivo Geral da Investigação, o qual deve ser delimitado no tempo e no espaço de forma a poder ser exprimido pela Pergunta de Partida.

Para isto delimitamos a nossa abordagem no tempo, entre os anos de 2014 e 2017, inclusive, sendo estes os anos em que o grupo jihadista de maior magnitude na atualidade, o Daesh, teve o seu auge a nível de extensão territorial. Em termos de espaço, limitamos a nossa análise ao território do Iraque, e mais pormenorizadamente à cidade de Mossul, por esta ter sido palco da declaração do Califado por parte do Daesh e pelo facto da sua reconquista por parte do Governo Iraquiano ter constituído a maior operação militar dos últimos quinze anos, originando inclusive comparações com a Batalha de Estalinegrado em 1942 (Watson, 2017). Desta forma a Pergunta de Partida é a seguinte:

- **PP** - Qual a importância do emprego da CJTF-OIR no combate contra o Daesh durante a Batalha de Mossul?

Para orientar e circunscrever os esforços de pesquisa, com vista a alcançar o objetivo de investigação (Rosado, 2015), é importante levantar Perguntas Derivadas à Pergunta de Partida, que são questões que se debruçam sobre aspetos mais específicos do Tema de

Investigação e que nos ajudam a responder à Pergunta de Partida. Assim definimos estas Perguntas Derivadas:

- **PD 1** – Porque é que o Daesh foi capaz de fazer avanços tão rápidos e significativos no início de 2014?
- **PD 2** – Como se articulou a CJTF-OIR com as forças locais?
- **PD 3** – Qual a importância do domínio da informação na atuação da CJTF-OIR?
- **PD 4** – Qual a importância do treino e formação prestado pela CJTF-OIR?
- **PD 5** – Seria a conquista de Mossul possível sem a CJTF-OIR?

Sendo o Objetivo Geral da Investigação:

- Compreender a forma como o combate aos grupos jihadistas radicais evoluiu na forma da *Combined Joint Task Force – Operation Inherent Resolve*, e como esta foi aplicada na Batalha de Mossul.

Decompondo o Objetivo Geral identificamos os seguintes Objetivos Específicos:

- Compreender a forma como o Daesh foi capaz de crescer e de se sobrepor às Forças de Segurança Iraquianas
- Caracterizar as técnicas utilizadas pelo Iraque e pela CJTF-OIR no combate ao Daesh
- Analisar o caso da Batalha de Mosul, entre outubro de 2016 e julho de 2017 de forma a identificar os fatores que levaram ao sucesso das Forças de Segurança Iraquianas e da CJTF-OIR.

2.3 Método de Abordagem

Segundo Manuela Sarmiento, o método científico é composto por “um conjunto de regras básicas que visam obter novo conhecimento científico”, e consiste na interpretação de factos através da sua observação sistemática, podendo esta ser direta ou indireta,

consoante a tipologia das fontes (2013, p. 4). Assim sendo é necessário definir os procedimentos através dos quais se obtém e analisa a informação.

Nesta investigação, o método escolhido é o Método Hipotético-Dedutivo, ou Método da Verificação de Hipóteses, inicialmente proposto por Karl Popper, que consiste na “formulação de hipóteses ou conjeturas que melhor relacionam e explicam os fenómenos” (Sarmiento, 2013, p.9). Este será a base de uma abordagem qualitativa, em que o objetivo é a observação e interpretação dos factos, sendo os dados recolhidos de natureza fundamentalmente descritiva (Prodanov & Freitas, 2013).

No processo hipotético-dedutivo há então que formular hipóteses constituindo um modelo teórico que procure explicar ou resolver o problema identificado, hipóteses estas que estarão associados aos objetivos da investigação e serão respostas provisórias às perguntas derivadas (Rosado, 2015). As hipóteses serão depois testadas para determinar se se confirmam ou verificam, após a análise dos dados (Sarmiento, 2013). Desta forma procedemos à apresentação das Hipóteses de Investigação associadas às relevantes Perguntas Derivadas, na seguinte tabela:

Tabela 2- Relação entre Perguntas Derivadas e Hipóteses de Investigação

Pergunta Derivada	Hipótese de Investigação
PD 1 – Porque é que o Daesh foi capaz de fazer avanços tão rápidos e significativos no início de 2014?	HI 1 – As Forças de Segurança Iraquianas sofriram de problemas de moral, eram mal coordenadas e não tiveram o apoio da população
PD 2 – Como se articulou a CJTF-OIR com as forças locais?	HI 2 – A CJTF-OIR opera através de células de informações, equipas de operações especiais, elementos de apoio aéreo e de fogos e equipas de treino e formação
PD 3 – Qual a importância do domínio da informação na atuação da CJTF-OIR?	HI 3 – O domínio da informação é essencial no combate ao Daesh, e em qualquer combate moderno.
PD 4 - Qual a importância do treino e formação prestado pela CJTF-OIR?	HI 4 – O treino e formação por parte da CJTF-OIR foi fundamental para a recuperação das FSI
PD 5 - Seria a conquista de Mossul possível sem a CJTF-OIR?	HI 5 – Sozinhas, as FSI poderiam ter recapturado a cidade de Mossul, mas teriam demorado muito mais e sofrido imensas baixas

Fonte: Elaboração própria

CAPÍTULO 3 - MÉTODOS E MATERIAIS

3.1 Enquadramento

Neste capítulo iremos descrever os métodos, procedimentos e técnicas de recolha e análise de informação que foram utilizados no decorrer da investigação. Estes são menos abstratos que o método de abordagem que descrevemos no capítulo anterior, e estão relacionados com os “procedimentos técnicos a serem seguidos pelo pesquisador [investigador] dentro de determinada área do conhecimento” (Prodanov & Freitas, 2013, p.36). Estes métodos servem para fornecer ferramentas para a obtenção, análise e verificação da informação necessária, e uma investigação pode fazer uso de dois ou mais métodos em conjunto.

3.2 Método Descritivo

O método descritivo ou observacional, é um dos métodos mais utilizados nas Ciências Sociais (Prodanov & Freitas, 2013), e consiste na observação e descrição de factos ou fenómenos, e na identificação de fatores e variáveis que afetam e provocam estes factos ou fenómenos (Sarmiento, 2013). Este método adequa-se à nossa investigação pois o que é pretendido é analisar os acontecimentos da atualidade e do passado recente para tirar conclusões sobre o crescimento do Daesh no Iraque e sobre o combate ao mesmo.

3.3 Método Histórico

O método histórico, segundo Sarmiento, faz a análise dos fenómenos em função do seu “desenvolvimento, formação e às suas consequências, de uma forma cronológica (2013, p.8). Ele visa também fazer a investigação de acontecimentos do passado de forma a deduzir a sua possível influência na atualidade, e é típico de estudos qualitativos (Prodanov & Freitas, 2013). Para esta investigação torna-se fundamental tomar uma perspetiva histórica, uma vez que é necessário abordar, ainda que de forma não muito aprofundada, a série de acontecimentos e os fatores que levaram ao aparecimento do Daesh.

3.4 Estudo de Caso

Escolhemos realizar o Estudo de Caso da Batalha de Mossul (2016-2017), devido à importância da mesma no conflito em si, mas também para o panorama da conflitualidade a nível global, como já fundamentamos anteriormente. Um Estudo de Caso consiste portanto numa pesquisa aprofundada e aplicada de um ou mais objetos ou, no nosso caso, acontecimentos, restritos no tempo e no espaço, de forma a permitir um conhecimento mais exaustivo sobre um assunto específico (Yin, 1981 cit In Prodanov & Freitas, 2013). O Estudo de Caso auxilia então a focar os esforços de pesquisa e permite-nos obter uma perspetiva geral do conflito a partir da sua maior batalha até à data.

3.5 Técnicas de Pesquisa e Fontes de Dados

As fontes de dados são de extrema importância pois são o que possibilita a recolha de informação necessária para a investigação, e são também elas que proporcionam legitimidade e credibilidade ao estudo. Na nossa investigação recorreremos fundamentalmente à pesquisa documental e bibliográfica, devido à impossibilidade de recolher informação em primeira mão, sendo portanto as fontes de natureza quase exclusivamente secundária.

A grande maioria da documentação utilizada consiste em livros, tanto em suporte físico como digital, artigos de revistas como a *RAIDS* e o *Small Wars Journal*, entre outros relatórios institucionais da Organização das Nações Unidas e do Departamento da Defesa dos Estados Unidos e publicações doutrinárias do Exército Americano e da NATO. Foram ainda consultados vários artigos académicos através de plataformas online como a EBSCO, a JSTOR, academia.edu e do *Modern War Institute*, onde também foi consultada uma palestra proferida na *USMA* de West Point. Utilizamos ainda arquivos online de jornais como o *The Guardian*, *Washington Post*, *CNN*, e de agências como a *Reuters*, entre outros.

De todas as fontes utilizadas destacamos as seguintes, que contribuíram para construir o Estado da Arte: “Dar uma Razão à Força e uma Força à Razão” de António José Telo, Nuno Lemos Pires e João Vieira Borges, “Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação”, de António José Telo e Nuno Lemos Pires, “*The Modern History of Iraq*”, de Phebe Marr e Ibrahim Al-Marashi, “*The Rise of ISIS*” de Luna Shamieh e Zoltán Szenes, o relatório “*What the Battle of Mosul Teaches the Force*” elaborado pelo *Mosul Study Group*, e a palestra proferida pelo Coronel Patrick Work, comandante da 2^aBCT/82^aAD, na *USMA* em West Point a 30 de janeiro de 2018.

CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO

4. O Conflito com o Daesh e a atuação da CJTF-OIR

4.1 Enquadramento

Neste capítulo iremos proceder à análise dos dados recolhidos durante a pesquisa documental, referentes ao período entre 2014 e 2017. Inicialmente iremos apresentar as campanhas iniciais do Daesh em janeiro de 2014, com especial atenção para a conquista da cidade de Mossul. De seguida analisaremos os contra ataques das forças do GOI, em conjunto com a Coligação, para determinar quais foram os fatores determinantes que permitiram ao Iraque recapturar o seu território e expulsar o Daesh. Para isto iremo-nos basear principalmente nos combates pelas cidades de Tikrit, e Mossul, com especial atenção a esta última.

Tikrit é uma cidade antiga, de cerca de 150.000 pessoas, localizada a 140 quilómetros a noroeste da capital, Bagdade. Era a cidade natal do ditador Saddam Hussein, e era um importante centro do seu poder. Foi aí que Saddam construiu o seu palácio, e foi nos arredores da cidade que se refugiou nos últimos dias de 2003 durante a Operação Iraqi Freedom. Durante o seu regime, quase 25% dos líderes do Conselho do Comando Revolucionário, o órgão de poder iraquiano, eram oriundos desta zona (Marr & Al-Marashi, 2018). Após a invasão de 2003, Tikrit constituiu-se como o vértice norte do “triângulo sunita”, zona onde as insurgências tinham mais poder, e tornou-se palco de inúmeros ataques às forças da Coligação (Hasim, 2006). Para além disto, Tikrit albergava ainda várias bases aéreas da Força Aérea Iraquiana, incluindo a sua Academia da Força Aérea.

Mossul é a segunda maior cidade do Iraque, estando a cerca de 360km a noroeste de Bagdade, albergando mais de 1.300.000 pessoas cuja maioria (cerca de 80%), à semelhança de Tikrit, é Sunita (UN Habitat, 2016). Mossul fora também um dos pólos de apoio ao regime Baath, sendo vários líderes militares e políticos oriundos desta cidade. Devido a isto, no pós-2003 com a política de “De-Baathificação” muitos sunitas ficaram desempregados, o que facilitou a instalação de movimentos insurgentes e terroristas, e apesar de não se encontrar dentro do “triângulo sunita”, foi também palco de violência sectária. A “De-Baathificação” em Mossul, como noutras partes do Iraque, deixou um vácuo de poder, e criou um clima de desconfiança entre a população da região e o governo de Bagdade, que facilitou o crescimento de organizações como a AQI e mais tarde o Daesh (O’Driscoll, 2016).

1 **4.2 O Ataque do Daesh em 2014**

2 **4.2.1 Os primeiros ataques**

3 No início de 2014 o Daesh preparava-se para lançar uma ofensiva de larga escala
4 contra o Iraque a partir de bases na Síria, direcionado às províncias ocidentais, onde existia
5 uma maior percentagem de população sunita (Work, 2018). O grupo estaria a lançar as bases
6 para o seu ataque desde o ano anterior, aproveitando os protestos por parte da população
7 sunita de cidades como Hawija e Ramadi, que foram combatidos violentamente pelo
8 governo, despoletando uma onda de violência. Três meses depois, militantes do Daesh
9 lançariam um assalto à prisão de Abu Ghraib, a apenas 32km de Bagdade, para soltar
10 combatentes que tinham sido presos pelo Exército Iraquiano (Berntsen, 2015). Em janeiro
11 os protestos estendem-se até à cidade de Falujah sendo novamente reprimidos pelo governo
12 de Al-Maliki, quando este tentou prender um dos líderes da comunidade sunita na cidade. O
13 Daesh aproveitou-se da situação para recrutar entre a população que estava descontente com
14 o governo, Combatentes do Daesh e de outros grupos sunitas expulsaram o exército
15 iraquiano e tomaram posse da cidade (Marr & Al-Marashi, 2018). Este seria o início da
16 conquista do Daesh.

18 **4.2.2 O Ataque a Mossul**

19 Em junho o Daesh lança a sua ofensiva principal a partir da fronteira Síria, utilizando
20 uma mistura de infantaria ligeira, transportada em viaturas 4x4 (comumente designados
21 como “technicals”), lança foguetes e algumas peças de artilharia, constituindo uma força
22 altamente móvel (Gurcan, 2014). Para capturar Mossul, o grupo utilizou uma série de
23 manobras de diversão, para mascarar a sua intenção e ludibriar o GOI, distraíndo-o do alvo
24 [cidade, lançando o pânico entre os civis e as forças de segurança (Berntsen, 2015).

25 Para isto o Daesh empregou aquilo que a doutrina americana classifica de “Ataque
26 Disperso” (Training and Doctrine Command [TRADOC], 2015). Este ataque consiste em
27 empregar um grande número de pequenas unidades, chamadas “Forças de Disrupção”, para
28 atacar a periferia da cidade, provocando uma resposta por parte dos defensores, obrigando-
29 os a dividir as suas forças e espalhar a sua atenção e recursos. Estes ataques foram dirigidos
30 contra alvos nos arredores da cidade, nomeadamente a prisão de Bardosh a norte, libertando
31 combatentes adicionais, a mesquita em Muqtadiyah Bartalah a este, e a base aérea de Qayyrat

e o aeroporto de Sharqat a sul, sendo que estes últimos tiveram o efeito de limitar o apoio aéreo que as forças governamentais possuíam sobre a cidade. Adicionalmente foi executada uma finta contra Samarra, nos arredores de Bagdade, no dia 5, dificultando a reação das FSI, que se deparavam com ataques em múltiplas frentes (Mosul Study Group [MSG], 2017).

Após estas ações iniciais entram na batalha as “Forças de Assalto”, que se infiltram na cidade e tomam posse de pontos-chave, nomeadamente o hospital, a sede do governo regional, o aeroporto, o Quartel-General da região, estações de polícia e bancos. Para isto os militantes recorrem a túneis e ao sistema de esgotos da cidade para se infiltrarem no centro sem ser detetados, uma tática característica do grupo (Gunduz, 2017).

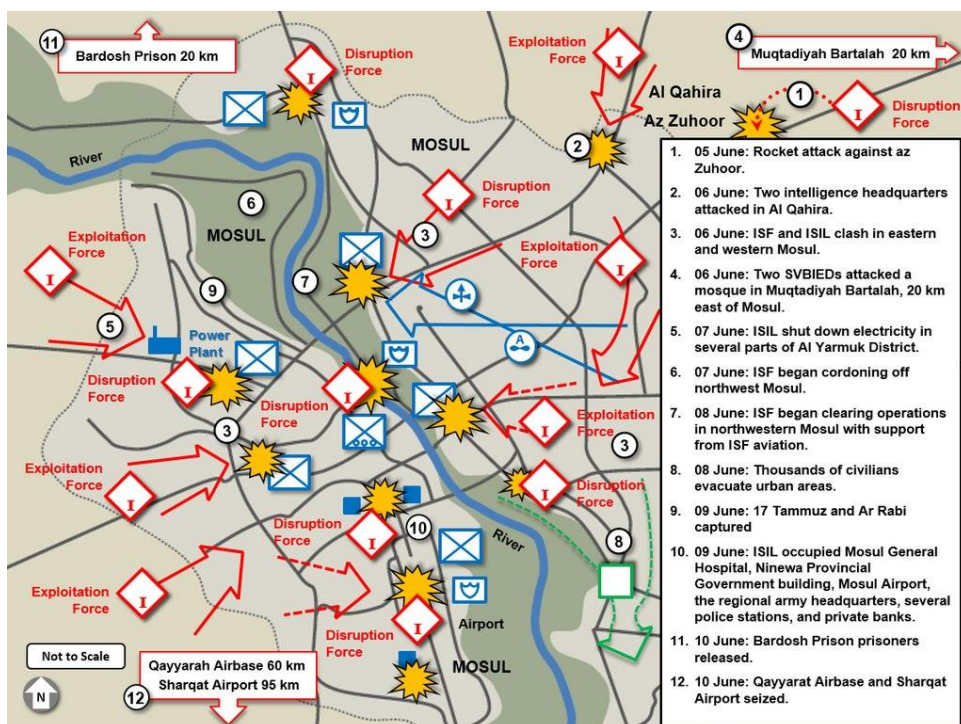


Figura 3- Diagrama do ataque do Daesh a Mossul

Fonte: Traininig and Doctrine Command 2015

Ao dia 10 de junho, as forças iraquianas restantes na cidade rendem-se ou desertam. Apesar de existirem indícios de que o ataque à cidade estava iminente, o governo pouco ou nada fez para melhorar as defesas. Apesar de possuírem uma grande superioridade numérica, as FSI, desmoralizadas e com pouco apoio por parte da população não resistiram ao ataque do Daesh (Berntsen, 2015). Os números variam em relação ao número de combatentes do Daesh presentes no ataque, entre os 800 apontados por Berntsen, até 1500 por Marr e Al-Marashi, e Frantzman (2016). Em relação às forças iraquianas, o número mais

1 frequentemente apontado é entre 25.000 a 30.000, como nos dizem Strachan (2017), Marr e
 2 Al-Marashi (2018), enquanto Frantzman (2016) refere 50.000. No entanto, é importante
 3 realçar que estes números podem não refletir corretamente a realidade, pois como referem
 4 Parker et al., “Eram suposto estar perto de 25.000 soldados e polícias em Mossul, mas na
 5 realidade acredita-se que existiam cerca de 10.000” (Parker et al., 2014, cit In Strachan,
 6 2017).

7

8 **4.2.3 A Expansão e Consolidação**

9 Depois de Mossul, o Daesh continuou a sua conquista ao longo do vale do Eufrates
 10 e Tigre, tomando Baiji e Tikrit no dia 11, capturando as bases aéreas e a Academia da Força
 11 Aérea em Camp Speicher, onde teve lugar o massacre de 1700 cadetes iraquianos (United
 12 Nations Assistance Mission for Iraq, 2015). As FSI não foram capazes de conter o avanço
 13 do Daesh, e pelo final do mês o grupo controlava a maior parte das províncias de Nineveh e
 14 Anbar, correspondendo a quase um terço do território do Iraque, e aproximavam-se de
 15 Bagdade. O território do Daesh estava agora perto da sua extensão máxima, estendendo-se
 16 desde a sua capital Raqqa, na Síria até aos arredores de Bagdade. Abu Bakr Al-Baghdadi,
 17 líder do grupo, aparece no dia 29 na Grande Mesquita de Al-Nuri em Mossul para proferir
 18 uma declaração a todos os seus seguidores, proclamando-se Califa do Estado Islâmico,
 19 alterando o nome do grupo para excluir a referência ao Iraque e à Síria, refletindo o alcançar
 20 do seu objetivo de destruir as fronteiras estabelecidas pelo Acordo de Sykes-Picot de 1916
 21 (Marr & Al-Marashi, 2018).² O Daesh via este acordo como uma imposição dos opressores,
 22 uma forma de dividir os muçulmanos, publicando um vídeo em que destruía um posto de
 23 controlo de fronteira afirmando:

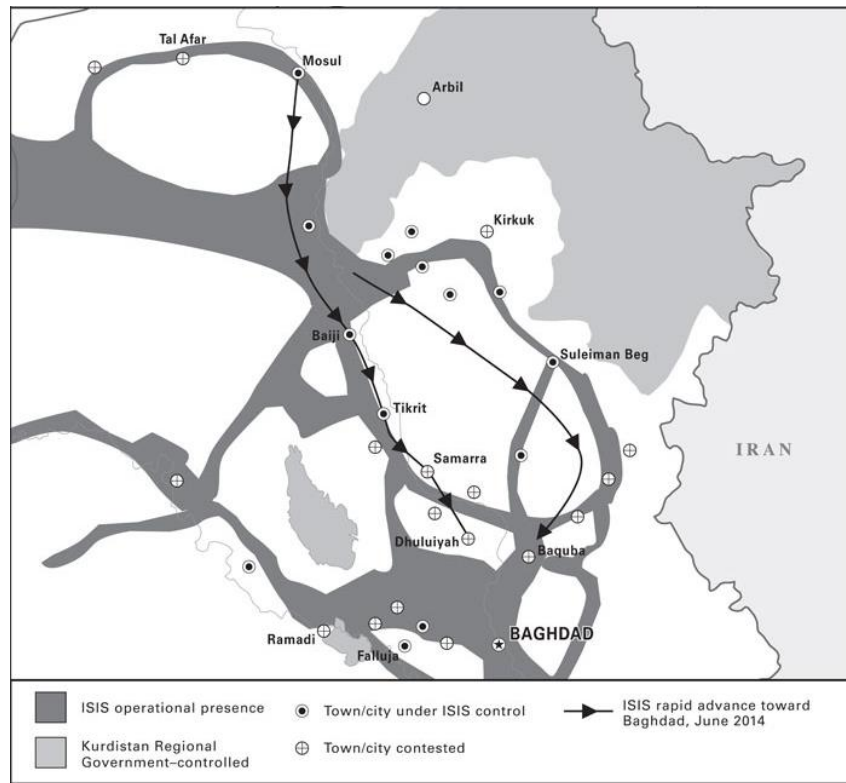
24

25 “Today we are happy to participate in destroying the borders placed by the tawaghit
 26 [oppressors] to prevent the Muslims from traveling in their lands. The tawaghit broke
 27 up the Islamic Khilafah and made it into countries like Syria and Iraq, ruled by
 28 manmade laws ... today we begin the final stage after the Ummah was divided ...
 29 Their plot was to divide and conquer. That is what they had done with us” (Tinsley,
 30 2015 cit In Bilgin, 2016)

² O Acordo de Sykes-Picot foi um tratado negociado entre o Reino Unido e a França durante a Primeira Guerra Mundial, onde foi decidido como seria dividido o Médio Oriente após o fim da guerra. O acordo foi feito em segredo, porque seria visto como traição por parte das tribos árabes que tinham sido incitados a revoltarem-se contra o Império Otomano por diplomatas como T.E. Lawrence, em troca da promessa de um estado árabe independente (Bilgin, 2016).

1 Em Agosto, o Daesh captura a barragem de Mosul, e controla ainda instalações
 2 petrolíferas que utiliza como uma das suas principais fontes de financiamento, chegando a
 3 obter lucros estimados entre 400 e 500 milhões de dólares no seu auge (Oosterveld & Bloem,
 4 2017). É também neste período que o grupo ocupa zonas da Região Autónoma do Curdistão,
 5 começando a perseguição a várias comunidades residentes na região, incluindo Cristãos,
 6 Curdos, Xiitas, Turcos, e mais mediaticamente, o povo Yazidi, deslocizando, raptando,
 7 torturando e matando milhares de homens, mulheres e crianças (United Nations Assistance
 8 Mission for Iraq, 2014). Estas atrocidades originam uma resposta por parte dos Estados
 9 Unidos, e uma série de ataques aéreos para proteger os yazidis cercados na cidade de Sinjar
 10 é anunciada pelo presidente Obama no dia 7 de agosto (Glenn, 2019).

11



12

13 **Figura 4- Território iraquiano controlado pelo Daesh em setembro de 2014**

13

14 **Fonte: Marr & Al-Marashi, 2018, p.293**

14

15

1 **4.3 Fatores por detrás da queda de Mossul**

2 **4.3.1 As Forças de Segurança Iraquianas**

3 Quando foi sabido que a cidade de Mossul, a segunda cidade do Iraque tinha caído
4 em apenas quatro dias, uma das primeiras acusações proferidas foi a de que as Forças de
5 Segurança Iraquianas não estavam preparadas para defender a cidade.

6 Anteriormente era assumido que as FSI, após anos a serem treinadas e equipadas
7 pelos Estados Unidos, estariam prontas para enfrentar a ameaça do Daesh. Em 2014, as FSI
8 eram constituídas por cerca de 800.000 homens, estando estes distribuídos entre forças do
9 Ministério da Defesa, que incluem Exército, Força Aérea e Marinha, forças do Ministério do
10 Interior, que incluem Polícia, outras forças de segurança, e as Forças de Mobilização Popular
11 (PMF) “*al-Hashd ash-Sha’abi*”, um conjunto de milícias populares (Witty, 2015). Além
12 destas existe ainda outra componente, o *Counter Terrorism Service* (CTS). O CTS consiste
13 nas três brigadas das Forças de Operações Especiais Iraquianas (ISOF), melhor conhecidas
14 como a “Divisão Dourada”. Estas unidades têm a reputação de serem as melhores unidades
15 do Iraque, encabeçando as operações mais difíceis, o que lhes conferiu uma reputação e fama
16 a nível internacional (Morris, 2016).

17 Analisemos então as forças que estavam colocadas na cidade à data da ofensiva do
18 Daesh. O Exército Iraquiano tinha duas divisões colocadas na cidade, as 2ª e 3ª Divisões de,
19 que incluíam elementos motorizados. Além destas existia ainda a 3ª Divisão da Polícia
20 Federal. Importa realçar que as forças da Polícia Federal não são parte de uma força policial
21 convencional, mas constituem sim uma organização paramilitar equipada como uma força
22 militar, incluindo unidades mecanizadas e artilharia (Dury-Agri, Kassim, & Martin, 2017).

23 Os relatos apontam que estas forças ofereceram pouca resistência, apesar de se
24 encontrarem em superioridade numérica aos jihadistas do Daesh, devido à baixa moral, falta
25 de equipamento e abastecimentos e pouca organização. Além disto é referido que a maior
26 parte dos blindados, carros de combate e artilharia tinham sido transferidos para a província
27 de Anbar, criando uma falta de equipamento pesado que enfraqueceu os defensores da cidade
28 (Parker, Coles, & Salman, 2014).

29 Para além disto, é evidente que existia um grau extremo de corrupção dentro das
30 estruturas de comando iraquiano. Oficiais apropriavam fundos e recursos logísticos,
31 extorquiam os subordinados e vendiam abastecimentos como comida e combustível no
32 mercado, o que obrigava os soldados a comprar comida com dinheiro do seu bolso ou a

1 roubar. Outros soldados criavam “entendimentos” com os oficiais, aceitando despende de
2 metade do seu salário em troca de autorização para se ausentarem à vontade ou desertar por
3 completo (Abbas & Trombly, 2014). Isto originou o problema de “soldados fantasma”, uma
4 disparidade nos números de homens realmente presentes na defesa da cidade. Dando como
5 exemplo a 6ª Brigada da 3ª Divisão do Exército Iraquiano, que estava na primeira linha de
6 defesa da cidade, o quadro orgânico previa um total de 2.500 homens, mas após baixas e
7 deserções apenas 500 homens estavam presentes no dia 6 de junho. Além disto a brigada
8 tinha falta de armas e munições, segundo o general Mahdi al-Gharawi, à data Comandante
9 Operacional da Província de Nineveh, entrevistado pela Reuters (Parker et al., 2014).

10 O sectarismo presente na estrutura das FSI também teve influência no desfecho da
11 operação. O’Driscoll (2017) refere que grande parte dos oficiais iraquianos eram Xiitas, uma
12 consequência da política sectária e de De-Baathificação iniciada pela CPA em 2003 e
13 continuada pelo Primeiro-ministro Al-Maliki, e que por esta razão não sentiam obrigação
14 em defender a cidade e a região circundante, que era tradicionalmente Sunita. Esta diferença
15 religiosa também tinha provocado desconfiança entre a população e os defensores da cidade,
16 afetando a vontade de combater dos militares, existindo suspeitas de os locais terem
17 auxiliado o Daesh a infiltrar-se na cidade (Marr & Al-Marashi, 2018). Estas suspeitas foram
18 confirmadas por um relatório da Reuters, onde se pode ler que os residentes de Mossul
19 acolheram de bom-grado os jihadistas, sendo que muitos se juntaram a eles para repelir as FSI
20 (Parker et al., 2014).

21 Por último, há evidências de que a doutrina das FSI estava mal adaptada à realidade
22 operacional. O governo de Al-Maliki tinha-se afastado nos últimos anos da doutrina de
23 contrainsurgência implementada pelos Estados Unidos, focada na proteção da população,
24 para uma política mais focada no contra terrorismo, recorrendo a checkpoints, buscas e a
25 milhares de detenções questionáveis (Witty, 2015). Estas ações por parte do GOI causaram
26 relutância às autoridades americanas em fornecer algum equipamento que Al-Maliki tinha
27 requisitado, como caças F-16, helicópteros AH-64 Apache e sistemas de mísseis anti-aéreos,
28 devido a receio que estes fossem utilizados contra a população (Witty, 2015; Marr & Al-
29 Marashi, 2018). Existia pouca ou nenhuma coordenação entre as forças que defendiam a
30 cidade, e as estruturas de comando e de apoio logístico e de informações criadas pelos
31 assessores americanos tinham-se deteriorado ao ponto de incapacidade (Witty, 2015).
32 Knights afirma que a vitória do Daesh foi “assegurada pela deficiência crónica na unidade
33 de comando e de esforços” entre o GOI e as autoridades locais, exacerbada pela constante

1 substituição de comandantes na zona, que levou à destruição da coesão dentro das FSI
2 (Knights, 2017, p.4).

3 Estes foram os principais motivos que levaram ao colapso das FSI em e à volta de
4 Mossul, causando a “debandada” em que foi relatado que os soldados iraquianos
5 abandonaram os seus postos, armas e uniformes perante o avanço do Daesh (International
6 Crisis Group [ICG], 2014).

7

8 **4.3.2 Fatores Políticos**

9 Vimos que o estado das FSI foi um fator determinante na derrota em Mossul. No
10 entanto não podemos cingir a nossa análise a estas causas, pois como refere Strachan (2017),
11 a queda de Mossul está diretamente relacionada com falhas no sistema político estabelecido
12 no período pós-2003. O autor aponta várias decisões que contribuíram para o
13 enfraquecimento da capacidade de defesa do Iraque, algumas relacionadas diretamente com
14 o governo de Al-Maliki, que categoriza como “Fatores Imediatos” e outras aos governos que
15 lhe antecederam após a queda de Saddam Hussein em 2003, que apelida de “Fatores Gerais”.

16 Começando pelos Fatores Gerais, Strachan aponta as políticas sectárias e de
17 marginalização da comunidade sunita no país como um fator chave, nomeadamente na De-
18 Baathficação e na dissolução das forças armadas após a Operação *Iraqi Freedom*, que
19 colocaram um grande número de sunitas no desemprego e causaram falhas nos serviços
20 básicos e no governo local de Mossul. Isto é corroborado por Abdulrazaq e Stansfield (2016),
21 que referem que estas decisões deixaram centenas de milhares de homens em idade militar
22 sem emprego, alienados e sem voz na reorganização política do país. Muitos destes homens
23 levaram os seu equipamento e armamento para casa aquando da desmobilização, criando um
24 ambiente ideal para a proliferação de insurgências, e foi este ambiente que permitiu ao Daesh
25 e aos seus antecessores crescer no Iraque.

26 A nível dos Fatores Imediatos, Strachan aponta a renitência em atuar por parte do
27 Primeiro-Ministro Al-Maliki, afirmando que este tinha informações sobre o ataque iminente,
28 por parte de várias fontes, meses antes de a cidade cair, mas que não agiu antecipadamente.
29 As possíveis razões mencionadas para isto são que Maliki julgava que podia beneficiar
30 politicamente com a queda da cidade, que este não confiava nas fontes de informação ou que
31 este simplesmente não acreditava na seriedade da ameaça. Dois relatórios da Reuters
32 parecem confirmar esta narrativa, podendo-se ler que Maliki não confiou nas informações

1 que lhe foram transmitidas sobre o aumento das ações do Daesh na zona em redor de Mossul.
2 Adicionalmente, referem que quando foram feitas propostas de auxílio militar por parte do
3 governo autónomo do Curdistão, estas foram rejeitadas pois Maliki temia que esta fosse pôr
4 em causa a sua autoridade na região (Parker et al., 2014; Salman & Parker, 2014). Outro
5 fator citado diz respeito às políticas sectárias que, apesar de não terem sido iniciadas por Al-
6 Maliki, aumentaram de magnitude durante o seu governo, e nestas incluem-se a utilização
7 da Lei do Anti Terrorismo para prender opositores políticos, tais como o Vice-Primeiro
8 Ministro Tareq al-Hashemi, a repressão violenta de protestos sunitas em 2013 que levou à
9 morte de vários manifestantes, e também a dissolução da *Sahwa* e quebra de promessas de
10 integração das milícias sunitas, enquanto as milícias xiitas eram uma parte cada vez mais
11 importante das FSI, na forma das FMP (Strachan, 2017). A forma como Al-Maliki
12 empenhava as FSI também teve um impacto, uma vez que estas eram empenhadas para
13 satisfazer os observadores internacionais, ou para pressionar os inimigos políticos do
14 governo, atuando para preservar o seu poder em lugar de proteger a população (O’Driscoll,
15 2017).

16 Por último, Strachan (2017) refere que a comunidade internacional, no geral, e os
17 Estados Unidos em particular, também carregam parte da culpa pela queda de Mossul, por
18 duas razões. Por um lado, estes apoiaram Al-Maliki de forma praticamente incondicional,
19 permitindo que este agisse de forma inconstitucional e pouco democrática acumulando cada
20 vez mais poder, e por outro, os Estados Unidos também possuíam informações sobre um
21 possível ataque a Mossul e não atuaram para o evitar (Strachan, 2017).

22

23 **4.4 A Resposta da Comunidade Internacional**

24 O colapso das FSI em junho de 2014 foi um sinal de alerta para os Estados Unidos e
25 para a comunidade internacional de que a situação no Iraque era crítica, e que necessitava
26 de uma resposta séria e concertada (Center for Army Lessons Learned [CALL], 2016). Para
27 este efeito o Presidente Obama autorizou a realização de ataques aéreos para impedir que o
28 Daesh tomasse a cidade de Erbil, atrasar o seu avanço em direção a Bagdade e permitir o
29 reabastecimento de 40.000 refugiados no Monte Sinjar (Kube, Mitchell, Windrem, Johnson,
30 & Miklaszewski, 2014). Adicionalmente, no dia 24 de junho foi estabelecido o *Joint Forces*
31 *Land Component Command* (JFLCC), com base no *United States Army Central Command*
32 (ARCENT), estabelecendo o primeiro centro de operações no Iraque desde a retirada em

1 2011. Desta forma foi possível começar a apoiar as FSI com apoio logístico e de fogos de
2 longo alcance, e logo a partir de agosto o apoio do JFLCC permitiu recapturar as barragens
3 de Mossul e Haditha e defender as cidades de Bagdade e Kirkuk (CJTF-OIR, 2017c).

4 A vontade expressada por países aliados e parceiros regionais de contribuir para o
5 esforço contra o Daesh levou à reestruturação do JFLCC, que a partir de 17 de setembro foi
6 redesignado como *Combined Joint Forces Land Component Command – Iraq* (CJFLCC-I), e
7 continuou a crescer até ser oficialmente estabelecida a *Combined Joint Task Force –*
8 *Operation Inherent Resolve* (CJTF-OIR), no dia 17 de outubro (CALL, 2016). Ao longo dos
9 meses seguintes, a CJTF-OIR continuou a executar ataques aéreos sobre alvos do Daesh a
10 partir de bases no Iraque, Síria, Arábia Saudita e Turquia, e dos porta-aviões *USS Carl*
11 *Vinson*, *USS George H.W. Bush* e mais tarde o francês *Charles de Gaulle*, enquanto que a
12 sua componente terrestre se focou no apoio às forças iraquianas, através do treino, das
13 informações e reconhecimento, e do apoio de fogos. Desta forma foi possível reorganizar,
14 reequipar e treinar as FSI preparar uma contra ofensiva, sendo o primeiro alvo a cidade de
15 Tikrit (CJTF-OIR, 2017c; CALL 2016)

17 4.5 A Reconquista de Tikrit

18 Tikrit foi o primeiro grande objetivo da contra ofensiva conjunta das FSI e da CJTF-
19 OIR. Esta era a segunda maior cidade controlada pelo Daesh, e como tal era imperativo que
20 fosse recapturada para provar que o novo governo iraquiano³ tinha capacidade para derrotar
21 o Daesh. Além disto, o controlo da cidade de Tikrit era essencial para uma futura operação
22 com vista a reconquistar Mossul (Blizinski, 2016). Uma anterior tentativa de recapturar a
23 cidade em 2014, conhecida como a Primeira Batalha de Tikrit, tinha sido mal sucedida a
24 custo de baixas pesadas para as FSI (Marr & Al-Marashi, 2018).

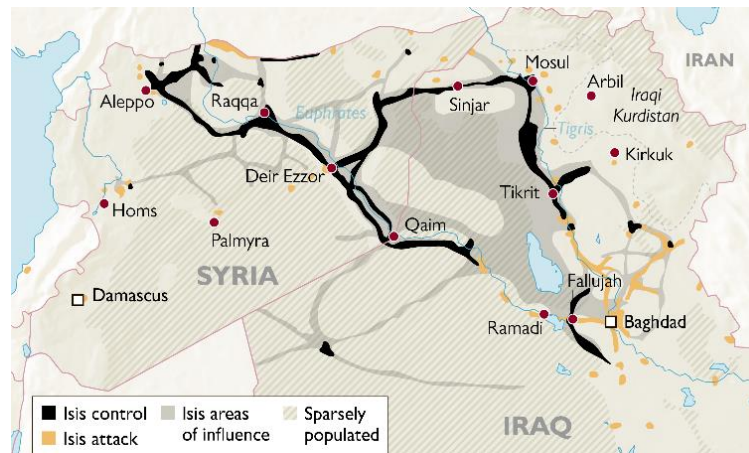
25 A operação contou com um efetivo cerca de 30.000 do lado da Coligação, onde se
26 incluíam PMF (20.000), FSI (3.000), algumas tribos sunitas, elementos de apoio da CJTF-
27 OIR, e ainda membros da Guarda Revolucionária Iraniana (IRGC), que forneceram serviços
28 de assessoria e apoio de fogos, aos quais se opunham não mais de 3.000 combatentes do
29 Daesh (Mallya, 2015). A ofensiva começou a 2 de março com o cerco da cidade, após o qual
30 seria lançado o assalto.

³ O primeiro-ministro Al-Maliki, sendo apontado como responsável pelo desastre de 2014, perdeu o apoio da sua base política e perdeu as eleições em 2014, sendo eleito como primeiro-ministro Haider al-Abadi (Marr & Al-Marashi, 2018; O'Driscoll, 2017).

1

2

Figura 5 – Território sob controlo do Daesh no início de 2015



3

Fonte: Institute for the Study of War

4

retirado de: <https://pasarelapr.com/map/tikrit-iraq-map.html>

5

6

7

A CJTF-OIR começou por fornecer apoio na área da recolha informações e efetuando reconhecimentos à cidade através do uso de *Unmanned Aerial Vehicles* (UAV), vulgo drones, de forma a obter informação sobre as posições do Daesh e a identificar alvos para subsequentes ataques aéreos. Nesta fase inicial o apoio aéreo próximo era da responsabilidade da Força Aérea Iraquiana, pois havia a crença de que estes conseguiriam conquistar a cidade sem a ajuda dos ataques aéreos ocidentais. No entanto após duas semanas o ataque estagnou, uma vez que os jihadistas estavam fortemente barricados na cidade, e é feito o pedido de apoio aéreo à CJTF-OIR, pois só os equipamentos de precisão ocidentais é que conseguiriam desalojar o Daesh. Desta forma é realizada uma série de bombardeamentos aéreos que permitem às FSI ganhar terreno. Contudo existe um atrito entre Coligação e as forças locais que compromete o sucesso. Os Estados Unidos estão relutantes em apoiar as PMF xiitas, muitas das quais são suportadas pelo Irão, e opõem-se à colaboração com qualquer milícia que não responda diretamente ao GOI, por considerar que a atuação destas milícias poderia resultar numa nova onda de violência sectária caso o Irão estivesse envolvido (Blizinski, 2016).

22

Apesar deste percalço, a operação prosseguiu e a vitória foi alcançada a 4 de abril, sendo o sucesso atribuído fundamentalmente aos iraquianos, como era o objetivo da Coligação. A CJTF-OIR assumiu um papel secundário, apoiando as FSI à medida que estas o requisitavam, como refere Blizinski: “*contrary to popular belief [,] the GOI and military*

23

24

25

1 *led this, not the U.S.. (...) coalition forces took a back-seat role, only helping in this offensive*
2 *at the request of the GOI.”* (2016, p.22). Desta forma foi possível ajudar o GOI a recuperar
3 a sua legitimidade e soberania sobre as zonas reconquistadas, bem como a reputação das FSI
4 após o colapso do ano anterior.

6 **4.6 A Batalha de Mossul**

7 **4.6.1 A Preparação**

8 Após Tikrit, a CJTF-OIR continuou o seu trabalho de treino e de apoio às FSI. Em
9 setembro de 2015 o comando da Task Force é assumido pelo III Corpo de Exército dos
10 Estados Unidos, que aumenta os esforços de apoio logístico, bem como o número de ataques
11 aéreos realizados (CJTF, 2017c). No fim do ano inicia-se nova ofensiva sobre Ramadi, que
12 é concluída em março do ano seguinte, e chegam ao TO mais 200 homens como parte de
13 uma *Expeditionary Targeting Force* (ETF), uma força de operações especiais cujas
14 principais funções são classificadas, mas que se creem consistir em reconhecimento, golpes
15 de mão e outras operações de recolha de informação (Mcinnis, 2016). Fallujah é
16 reconquistada em junho de 2016, e agora a única cidade que continua sob o controlo do
17 Daesh é Mossul. Em agosto, o III Corpo de Exército é rendido pelo XVIII Corpo
18 Aerotransportado, liderado pela 101^a e depois pela 82^a Divisões Aerotransportadas (CJTF,
19 2017c).

20 Começam-se a fazer os preparativos para a ofensiva sobre a cidade, com base nas
21 lições aprendidas ao longo dos últimos dois anos. Durante a fase de planeamento chega-se a
22 um compromisso crucial: as milícias xiitas e os Peshmerga⁴ contribuiriam para a ofensiva
23 mas não iriam entrar na cidade. Apenas o Exército Iraquiano, o CTS e a Polícia Federal iriam
24 participar no assalto direto à cidade, sendo o restante das forças empenhado no cerco e
25 isolamento da cidade (MSG, 2017). No total foi reunido um efetivo de cerca de 100.000
26 homens, no qual se incluíam as 15^a e 16^a Divisões, a 9^a Divisão Blindada e a 1^a Divisão de
27 Intervenção Rápida, e as 3^a, 5^a e 6^a Divisões da Polícia Federal, e 500 elementos da CJTF-
28 OIR⁵, que começaram a ocupar as posições de partida a sul de Mossul em agosto de 2016.

⁴ Os Peshmerga constituem o Exército da região autónoma do Curdistão Iraquiano, que começaram a ser organizadas após a ofensiva do Daesh de 2014, e que incluem no seu total cerca de 120.000 homens (Van Wilgenburg & Fumerton, 2015)

1 Do lado do Daesh as estimativas variam entre 5.000 a 10.000 homens (MSG, 2017; Telo et
2 al., 2018; Arnold & Fiore, 2019; Dury-Agri et al., 2017)

3 A ofensiva foi denominada Operação *Eagle Strike*, e foi dividida em três fases: O
4 cerco e isolamento da cidade, o ataque à parte Este, e o ataque à parte Oeste e à Cidade
5 Velha.

7 **4.6.2 A Cidade**

8 A cidade de Mossul é atravessada pelo rio Tigre, que a divide nos lados Este e Oeste.
9 O lado Oeste, onde se inclui a Cidade Velha, é mais antigo, com ruas mais estreitas e maior
10 densidade de edifícios, ao passo que o lado Este é mais recente, incluindo os bairros mais
11 ricos e o complexo da Universidade de Mossul (Work, 2018).

12 Nos dois anos que o Daesh ocupou a cidade, o grupo transformou-a numa autêntica
13 fortaleza, barricando edifícios, construindo obstáculos e acumulando um arsenal
14 significativo e variado, incluindo armamento pesado como metralhadoras pesadas, lança
15 foguetes, armas anticarro e morteiros, entre outros (MSG, 2017; Work, 2018).

16 Dentro da cidade o Daesh montou uma indústria de armamento, criando fábricas de
17 IEDs, incluindo linhas de produção de veículos blindados que eram transformados em
18 enormes SVIEDs, e até armas químicas improvisadas. Há que destacar ainda a forma
19 engenhosa como drones comerciais foram transformados em armas temíveis, capazes de
20 largar granadas de 40mm e que viriam a causar grandes entraves ao avanço das FSI dentro
21 da cidade. (Work, 2018)

22 À volta da cidade o Daesh construiu espaldões e valas anticarro, que percorriam
23 quase a totalidade do seu perímetro, que necessitaram do emprego de unidades de engenharia
24 pesada com bulldozers para que fosse possível aceder à cidade. Adicionalmente, o Daesh
25 alargou a rede de túneis e abrigos subterrâneos, preparou posições de tiro ocultas para
26 morteiros e utilizou fumos para negar a capacidade de vigilância aérea da Coligação. O uso
27 da população civil como escudo humano também foi um fator extremamente condicionante
28 para a Coligação, e daqui pode-se destacar a utilização do principal hospital de Mossul como
29 um centro de operações (Gunduz, 2017; Work, 2018).

30 Desta forma, a cidade estava extremamente bem preparada para a defesa,
31 apresentando todas as características de um campo de batalha multidimensional, complexo,

1 em que cada edifício era uma posição de combate e tinha que ser limpo metodicamente
2 (Arnold & Fiore, 2019; MSG, 2017).

3

4 **4.6.3 Primeira Fase: o Cerco**

5 A primeira fase da operação teve início a 16 de outubro de 2016, e começou com o
6 avanço das forças em direção à cidade. Este foi relativamente rápido, tendo as FSI chegado
7 aos arredores da cidade no início de novembro, altura em que a 1ª e a 6ª divisões começaram
8 a limpar o lado este da cidade. O progresso das FSI foi rápido de início, mas o mau tempo
9 que se instalou dificultou o apoio aéreo e o reconhecimento por parte das forças da CJTF-
10 OIR, o que diminuiu a velocidade da ofensiva. No final de novembro o balanço era de cerca
11 de 30% da parte Este controlada pelas FSI. A 12 de dezembro três brigadas da Polícia Federal
12 e das ISOF juntam-se à luta no Este da cidade, começando a limpar o complexo da
13 Universidade, que só dariam como limpo um mês depois. A primeira fase termina então a
14 31 de dezembro, com grande parte da cidade Este no controlo das FSI, com baixas a rondar
15 as 2.000 (Arnold & Fiore, 2019; MSG, 2017). É no final de dezembro, enquanto a Coligação
16 recupera a sua capacidade ofensiva, que é destruída a última ponte sobre o Tigre, para
17 dificultar o abastecimento reforço e retirada das forças do Daesh no lado Este do rio (Work,
18 2018).

19 Esta foi talvez a fase mais fácil de toda a operação, e a última altura em que as FSI
20 tinham a completa posse da iniciativa e a maior liberdade de ação. Daqui para a frente a
21 manobra iria ser confinada, e o ritmo do combate iria ser definido tanto pelos defensores
22 como pelos atacantes (Arnold & Fiore, 2019).

1

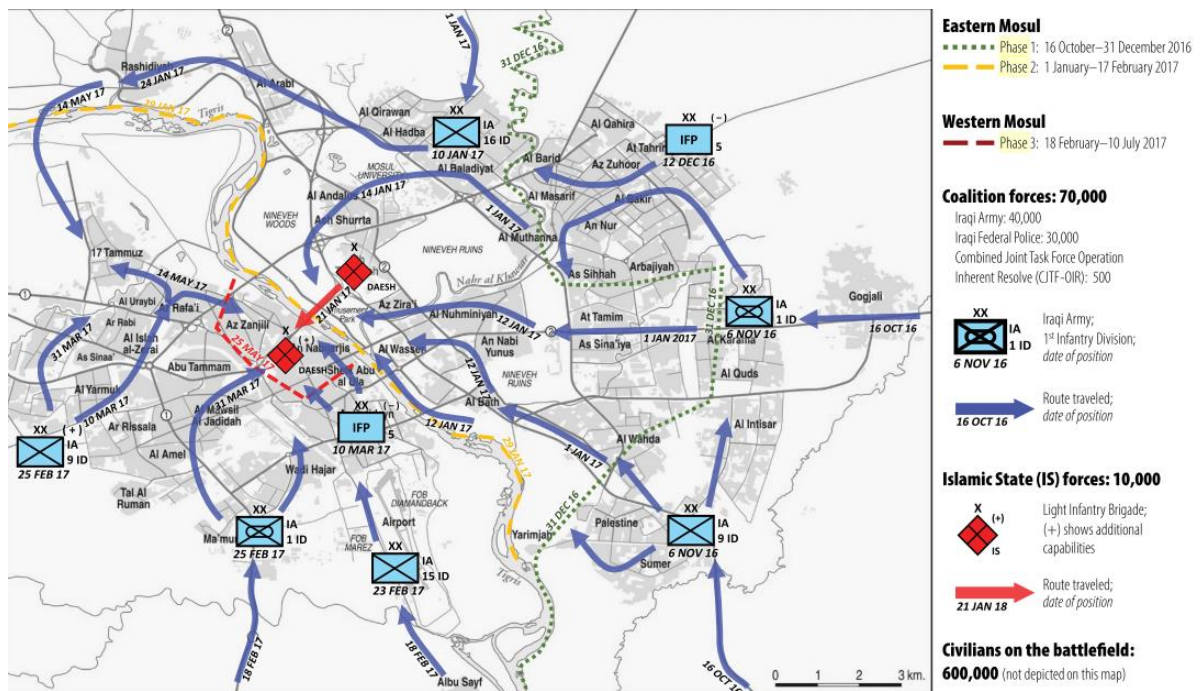


Figura 6 – Fases do Ataque a Mossul

Fonte: Arnold & Fiore, 2019

2

3 **4.6.4 Segunda Fase: o Ataque à Cidade Este**

4 Após um período de recuperação no final de dezembro, as FSI retomaram o ataque
 5 determinados em expulsar o Daesh do lado Este do Tigre. A segunda fase da operação teve
 6 início no dia 1 de janeiro com um ataque a Norte pela 16ª divisão e a Este pela 9ª, que após
 7 três semanas de combates intensos conseguiram expulsar os últimos combatentes do Daesh
 8 no lado Este do rio Tigre no dia 24. Dias antes ataques aéreos da CJTF-OIR destruíram uma
 9 frota de mais de noventa pequenas embarcações que tinham sido usadas pelo Daesh para
 10 evacuar as suas tropas. À medida que o cerco se fechava à volta de Mossul, o Daesh lançou
 11 vários ataques noutras zonas do país para tentar desviar forças da cidade e recuperar as linhas
 12 de comunicação entre a cidade e bases na Síria, sem obter sucesso (Arnold & Fiore, 2019).

13 As semanas seguintes serviram para recuperar e reorganizar as forças em preparação
 14 para o ataque ao lado Oeste da cidade, e para começar a reestabelecer a reconstruir e a
 15 reestabelecer a autoridade local nas zonas já reconquistadas (MSG, 2017).

16

1 **4.6.5 Terceira Fase: o Ataque à Cidade Oeste**

2 A terceira e última fase da operação teve início no dia 18 de fevereiro, seguindo o
3 seguinte plano: primeiro as forças do Exército Iraquiano, as 1ª, 9ª, 15ª e 16ª divisões iriam
4 atacar a cidade a partir do Norte e Oeste, para fechar o cerco e isolar definitivamente o Daesh
5 em Mossul. Após isto o esforço ofensivo seria assumido pelas forças da Polícia Federal e do
6 CTS, que atacariam ao longo de três eixos desde Sul. Durante toda esta ação a CJTF-OIR
7 continuaria a conduzir ataques aéreos e de artilharia de precisão, destruindo pontos fortes,
8 postos de comando e depósitos de armamento do Daesh.

9 No dia 19 de fevereiro os iraquianos tomam o aeroporto de Mossul, que tinha sido
10 destruído pelo Daesh para impossibilitar o seu uso pela Coligação. A dureza dos combates
11 intensificou-se à medida que as FSI se aproximavam da Cidade Velha, com cada vez mais
12 ataques de VBIEDs e snipers, tendo o CTS e a Polícia Federal sofrido o maior número de
13 baixas de toda a operação. A 24 de fevereiro o Daesh lança vagas de drones armados com
14 granadas de 40mm que imobilizam o ataque iraquiano e obrigam o CTS a dispersar e a
15 procurar abrigo nas ruínas dos edifícios. Apesar disto as divisões do Exército conseguem
16 prosseguir o seu avanço nos subúrbios a Oeste da cidade.

17 No dia 11 de março a Polícia Federal alcança o limite da Cidade Velha após um
18 combate intenso, e uma vaga de doze VBIEDs no dia seguinte obrigam-nos a parar para
19 reorganizar, estagnando o avanço no sul cidade novamente. No dia 17 um ataque aéreo sobre
20 um ninho de snipers montando num edifício armadilhado causa uma enorme explosão que
21 vitima uma centena de iraquianos. Após este incidente a Coligação seria mais criteriosa e
22 cuidadosa na escolha dos alvos para evitar baixas e danos colaterais.

23 A Oeste o Exército conseguiu continuar o seu avanço, e a 19 de março a 9ª Divisão
24 captura a aldeia de Badush e conclui por fim o cerco à cidade, cinco meses após o início da
25 operação. Nos dias seguintes o mau tempo dificulta as ações de apoio da CJTF-OIR e as FSI
26 suspendem o avanço, e a 24 de março começam a preparar um novo ataque a partir do Norte.
27 Até agora o assalto à cidade tinha-se concentrado a Sul, com o CTS e a Polícia Federal a
28 exercer o esforço, e isto facilitou a defesa por parte do Daesh, que podiam concentrar as suas
29 forças e os seus fogos indiretos nessa zona.

1

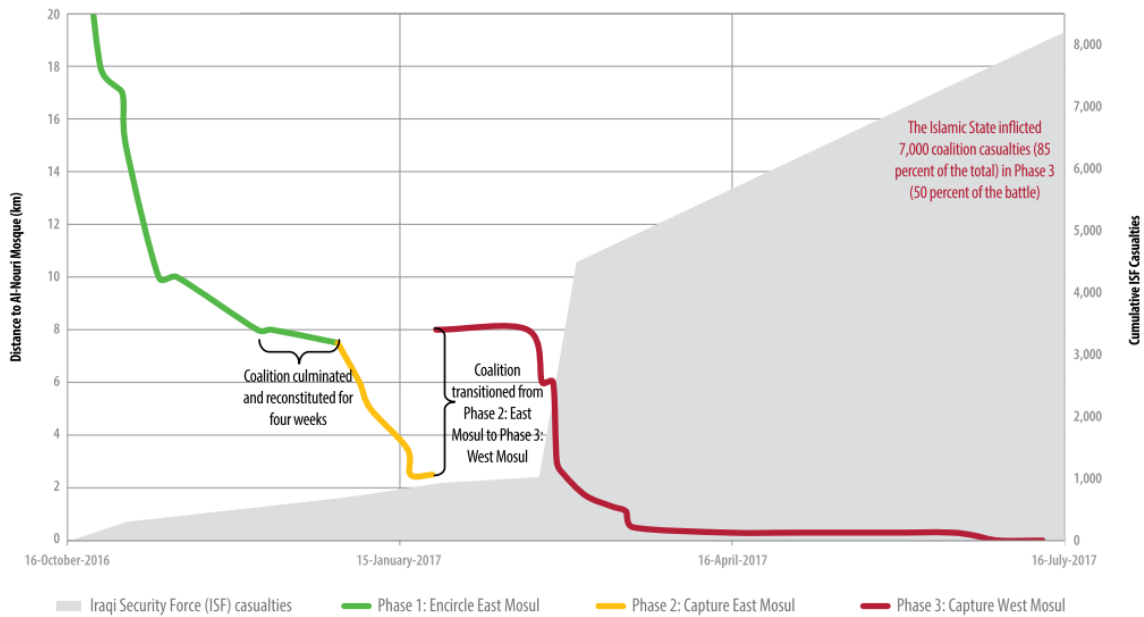


Figura 7 – Baixas da Coligação em relação à distância até à Mesquita de Al-Nuri na Cidade Velha
Fonte: Mosul Study Group, 2017

2

3

4 Ao longo de abril os combates centraram-se a Oeste, obrigando o Daesh a retirar para
 5 a Cidade Velha, e no dia 14 o grupo emprega armas químicas improvisadas numa tentativa
 6 de parar o avanço das FSI, no entanto estas armas são pouco eficazes, e a ofensiva continua
 7 frente a uma resistência cada vez mais determinada que causa uma rápida subida nos
 8 números de baixas da Coligação.

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Em maio dá-se um ponto de viragem, quando no dia 4 uma ofensiva encabeçada pela
 9ª Divisão Blindada irrompe pelo Noroeste da cidade, que obriga o Daesh a lutar em duas
 frentes. O Daesh está agora entre a “espada” da 9ª Divisão e a “parede” do CTS e da Polícia
 Federal, o que causa confusão na estrutura de comando centralizada do grupo, e obrigando-
 o a recuar para dentro da Cidade Velha. No final do mês, pelo dia 25, a Coligação atacava a
 Cidade Velha de todas as direções, e a engenharia iraquiana, com o apoio da *United Kingdom*
Bridge Training Team, restaura uma das pontes sobre o Tigre, estabelecendo ligação com as
 forças no lado Este do rio. Os combates estavam agora a apenas 900 metros da Mesquita de
 Al-Nusri, onde dois anos antes tinha sido proclamado o Califado.

O assalto à Cidade Velha continuou ao longo de junho, tornando-se numa brutal luta
 casa a casa, rua a rua, centrando-se na Mesquita de Al-Nusri, que o Daesh armadilha e destrói
 no dia 21. Em julho o Daesh controla apenas porções isoladas da Cidade Velha, e o GOI e a

1 CJTF-OIR declaram vitória na cidade no dia 9. Alguns combates esporádicos continuam nos
2 dias seguintes, e a CJTF-OIR faz o seu último bombardeamento no dia 16. Após 9 meses de
3 combates intensos e mais de 8.500 baixas a cidade é finalmente libertada pelas FSI com o
4 apoio da CJTF-OIR (Arnold & Fiore, 2019; British Broadcasting Company [BBC], 2017;
5 CJTF-OIR, 2017b, 2017c, 2017d; MSG, 2017; Work, 2018).

7 **4.6.6 Contributos da CJTF-OIR**

8 A campanha de Mossul foi a maior operação terrestre desde a Operação *Iraqi*
9 *Freedom* em 2003, e uma das maiores operações militares em ambiente urbano desde a 2ª
10 Guerra Mundial, a par das batalhas por Seoul em 1950, Hue em 1968 e Grozny em 1994,
11 mas foi, sobretudo, o maior teste ultrapassado tanto pelas FSI e pelo GOI, como pela CJTF-
12 OIR (Arnold & Fiore, 2019; Volesky & Noble, 2017; MSG, 2017). Ao longo dos nove meses
13 da operação, equipas de assessores, instrutores, operações especiais, observadores
14 avançados, *Joint Terminal Attack Controllers* (JTACS) e equipas de analistas
15 desempenharam um papel fulcral no apoio às operações das FSI (MSG, 2017). Nas próximas
16 linhas vamos apresentar as componentes mais importantes da atuação da CJTF-OIR na
17 Batalha de Mossul e os meios utilizados (Arnold & Fiore, 2019; Losey, 2017; MSG, 2017;
18 Telo et al., 2018; Work, 2018).

20 **4.6.6.1 Plataformas de Vigilância Vídeo**

21 As operações num ambiente urbano denso como o da cidade de Mossul exigem uma
22 capacidade de vigiar o campo de batalha em permanência, de forma a coordenar operações
23 entre as diferentes forças e os diferentes meios de apoio de fogos. Para possibilitar a recolha
24 de informações, a vigilância o reconhecimento, e a aquisição de alvos a partir de um *feed* de
25 vídeo permanente foram utilizados os seguintes meios:

- 26 • MQ-1 *Predator* e *Grey Eagle*
- 27 • MQ-9 *Reaper*
- 28 • RQ-11 *Raven*
- 29 • RQ-20 *Puma*
- 30 • RQ-7 *Shadow*
- 31 • Aeróstatos

- 1 • Drones comerciais da família DJI *Phantom*
- 2 • Meios de vigilância por satélite

4 4.6.6.2 Apoio de Fogos

5 Durante toda a operação foi empregue um vasto leque de meios de apoio de fogos,
6 que utilizados em conjunto com os meios de vigilância vídeo permitiram fogos precisos e
7 executados de forma rápida de forma a manter o ritmo das operações. Os seguintes meios
8 foram utilizados para realizar fogos terra-terra:

- 9 • Obus M777 ⁶
- 10 • Lança foguetes múltiplo M142 HIMARS⁷
- 11 • Morteiros M224 (60mm), M252 (81mm) e M120 (120mm)
- 12 • Obus Auto Propulsado M109A6
- 13 • Obus Auto Propulsado CAESAR

14 Há que a salientar o uso de munições de precisão “Excalibur” e de outros kits de
15 precisão utilizados pelos obuses da Coligação, que permitiam o guiamento por GPS ou por
16 Laser, e que foram decisivos no ambiente denso e complexo de Mossul, permitindo atingir
17 com precisão letal (Telo & al., 2018). De forma a integrar da forma mais eficaz os fogos
18 conjuntos da Coligação com as forças iraquianas no terreno, foram estabelecidas em 2017
19 novas diretrizes, segundo as quais seriam criadas células especializadas, para apoiar as FSI
20 com fogos e informações, mas que teriam também a vantagem de combinar as capacidades
21 de recolha de informações, vigilância, reconhecimento e aquisição de objetivos, (ISTAR) da
22 CJTF-OIR e das FSI. Estas foram apelidadas de “*Strike Cells*”, e a composição da mesma
23 incluía membros tanto da Coligação como da *Host Nation*, neste caso o Iraque, de vários
24 ramos e até civis, sendo portanto uma unidade conjunta e combinada. A orgânica era flexível
25 e podia ser adaptada às necessidades, de forma a ser o mais ágil e adequada possível. De
26 forma genérica uma “*strike cell*” inclui oficiais de ligação (LNO e ALO) aos vários meios
27 de fogos disponíveis, às forças de operações especiais (SOF), e aos meios ISR, técnicos civis
28 responsáveis pelos meios de vigilância, tradutores, analistas de informação e de danos
29

⁶ Tanto este obus como o M109A6 têm a capacidade de empregar as munições M982 Excalibur, guiadas por GPS que conseguem bater alvos com uma precisão até aos dois metros (United States Army, 2019a)

⁷ High Mobility Artillery Rocket System, é um Sistema de lança foguetes múltiplo capaz de utilizar munições guiadas por GPS, nomeadamente o foguete M31 (United States Army, 2019b)

1 colaterais (CDE), assessores jurídicos, e JTACs, todos ligados por uma rede de dados segura
2 (SIPR) (MSG, 2017). A orgânica-tipo pode ser consultada num esquema no Anexo D.

4 4.6.6.3 Apoio Aéreo

5 Com mais de 2.500 ataques aéreos por parte da Coligação no Iraque durante o período
6 da operação, quase metade destes sobre a cidade de Mossul, o poder aéreo foi um dos fatores
7 determinantes para a vitória sobre o Daesh.⁸ As forças aéreas da Coligação incluíam as
8 seguintes aeronaves de ataque:

- 9 • *F/A-18 Super Hornet*
- 10 • *Eurofighter Typhoon*
- 11 • *GR-4 Tornado*
- 12 • *Rafale B e M*
- 13 • *F-15E Strike Eagle*
- 14 • *A-10C Thunderbolt*
- 15 • *F-16C Fighting Falcon*
- 16 • *AH-64D Apache*
- 17 • *B-52 Stratofortress*
- 18 • *MQ-1 Predator*
- 19 • *MQ-9 Reaper*

20
21 Para além destas foram utilizadas aeronaves de vigilância e guerra eletrónica, como
22 o E-8C JSTARS, e de apoio, transporte e sustentação logística.

24 4.6.6.4 Meios de Engenharia

25 O apoio da engenharia foi de extrema importância para a operação, nomeadamente
26 no apoio à mobilidade e na construção de bases avançadas. Plataformas pesadas como
27 bulldozers blindados constituíram a vanguarda do assalto à cidade, removendo obstáculos e
28 permitindo desimpedir as ruas de destroços, e tornaram-se um alvo prioritário para os

⁸ Anexos A e B

1 VBIEDs do Daesh. O lançamento de pontes sobre o rio Tigre também se tornou vital na
2 última fase da ofensiva (MSG, 2017; Work, 2018).

4 4.6.6.5 Operações Especiais

5 Uma componente significativa da CJTF-OIR eram as forças de operações especiais.
6 Elementos de forças de operações especiais dos Estados Unidos, Reino Unido, França,
7 Austrália, Canadá, Alemanha, Dinamarca e Noruega formaram *Special Operations Task*
8 *Groups* (SOTG), que apoiaram diretamente as forças iraquianas no terreno. Os principais
9 contributos foram a aquisição de alvos e direção de ataques aéreos através dos JTAC e o
10 processamento, exploração e aquisição de dados de “*intelligence, surveillance and*
11 *reconnaissance*” (ISR), e ainda apoio sanitário (White, 2018, p.58; MSG, 2017).

13 4.6.6.6 Assessores

14 Para além dos SOTG, o elemento da CJTF-OIR que esteve em contacto direto e
15 permanente com as FSI no terreno eram as equipas de assessores de combate. Estas tinham
16 uma composição flexível e adaptável às necessidades do combate, e foram criadas a partir
17 da 2ª *Brigade Combat Team* (BCT) da 82ª Divisão Aerotransportada, comandada pelo
18 Coronel Patrick Work. As equipas incluíam um comandante de batalhão ou companhia, um
19 elemento de apoio de fogos, JTACs, um analista de informações, um especialista de
20 comunicações, e podiam incluir ainda elementos de apoio administrativo e financeiro para
21 dar apoio à sustentação das equipas e das forças locais (MSG, 2017). Estes assessores
22 operavam segundo o método “*advise and assist*”, que inclui as seguintes componentes
23 (Work, 2018):

- 25 • **Advise** – Aconselhar, treinar e mentorar os parceiros através da partilha de
26 experiência e conhecimento
- 27 • **Assist** – Apoiar com meios físicos, fogos, informação, e apoio aéreo
- 28 • **Accompany** – Acompanhar as forças locais e manter o contacto direto
- 29 • **Assure** – Demonstrar o compromisso com as forças locais, para assegurar o
30 parceiro do nosso empenho na operação

- 1 • **Antecipate** – Através das informações e da experiência, trabalhar em
2 conjunto com os parceiros para antecipar as ações do inimigo
3 • **Agility** – Manter a flexibilidade, de forma a estar pronto para atuar a qualquer
4 momento e de forma rápida para manter um ritmo elevado nas operações
5

6 **4.6.6.7 Guerra Eletrónica**

7 A guerra eletrónica foi uma parte significativa das operações contra o Daesh.
8 Unidades especialistas como o 21º Regimento de Guerra Eletrónica canadiano foram
9 empregues com o objetivo de interceptar e bloquear as comunicações do Daesh na cidade, e
10 de assegurar que as comunicações da Coligação não eram afetadas. Plataformas como o E-
11 8C também foram utilizadas para garantir as comunicações entre as várias componentes da
12 CJTF-OIR e das FSI, e para obter a superioridade da informação (Chase, 2017; Telo & al.,
13 2018).

CAPÍTULO 5 - CONCLUSÃO

5.1 Introdução

Neste capítulo vamos proceder à apresentação das conclusões da nossa investigação com base na informação apresentada nos capítulos anteriores, e iremos comparar esta informação com as Hipóteses de Investigação levantadas no início do estudo, para verificar se estas são ou não respostas corretas às várias Perguntas Derivadas que foram colocadas de forma a alcançar os Objetivos Específicos da investigação. Após isto iremos formular uma resposta à Pergunta de Partida, e avaliaremos se foi cumprido o Objetivo Geral da investigação. Por fim serão apresentadas as limitações da investigação, bem como algumas recomendações para estudos futuros.

5.2 Verificação das Hipóteses de Investigação

Relativamente à Pergunta Derivada N°1 levantou-se a seguinte hipótese: **“As Forças de Segurança Iraquianas sofriram de problemas de moral, eram mal coordenadas e não tiveram o apoio da população”**. O nosso estudo permitiu identificar que de facto estes foram alguns dos fatores que levaram ao sucesso inicial do Daesh no Iraque. Observamos que anos de políticas sectárias, de marginalização das minorias e da utilização das FSI como um instrumento de aumento do poder pessoal do primeiro-ministro Al-Maliki levou à degradação da capacidade de combate das FSI. A corrupção existente dentro das fileiras levou à degradação do moral das tropas, e que o sectarismo presente dentro da estrutura das FSI e do GOI em geral originou animosidade e desconfiança entre a população e os defensores da cidade de Mossul. Isto facilitou a infiltração de apoiantes do Daesh dentro da cidade, o que dificultou ainda mais os esforços das autoridades de Mossul. Podemos então afirmar que se verifica esta hipótese.

Relativamente à Pergunta Derivada N°2 formulámos a seguinte hipótese: **“A CJTF-OIR opera através de células de informações, equipas de operações especiais, elementos de apoio aéreo e de fogos e equipas de treino e formação”**. Identificámos que durante toda a Operação *Inherent Resolve*, e mais especificamente durante a Batalha de Mossul, a CJTF-OIR apoiou as FSI nas suas operações através de vários elementos, desde as equipas de assessores de combate da 2ª BCT, às SOTG, aos JTAC, e às equipas de instrução que

contribuíram para a formação e treino dos militares e polícias iraquianos. Assim, podemos concluir que se verifica a Hipótese de Investigação N°2.

Para a Pergunta Derivada N°3 levantámos a seguinte hipótese: **“O domínio da informação é essencial no combate ao Daesh, e em qualquer combate moderno”**. O nosso estudo levou-nos a concluir que o domínio da informação é uma componente essencial do *Network Centric Warfare*, o conceito de operações atual dos Estados Unidos, e também o era para o seu antecessor, o *Air Land Battle*. No caso específico da luta contra o Daesh na cidade de Mossul, observámos que o domínio da informação através de diversas plataformas de ISR, bem como a atuação de forças de operações especiais, foi um elemento determinante para conseguir combater de forma eficaz dentro de uma área urbana densa, ajudando a evitar baixas e danos colaterais, e a destruir as estruturas de apoio e comando e controlo do Daesh dentro e à volta de Mossul. Podemos então considerar como verificada a Hipótese de Investigação N°3.

Em relação à Pergunta Derivada N°4 colocámos a seguinte hipótese: **“O treino e formação por parte da CJTF-OIR foi fundamental para a recuperação das FSI”**. Durante a nossa investigação descobrimos que as FSI, apesar de terem sido treinadas pelos Estados Unidos antes da retirada em 2011 tinham perdido a sua organização e deixaram de seguir as doutrinas e os ensinamentos americanos, o que contribuiu para a degradação da sua capacidade de combate. Uma exceção foram as forças de elite, o CTS, que se manteve firme apesar do colapso do resto das FSI, e que foi por isso escolhido para encabeçar as grandes ofensivas contra o Daesh. Foi por isso determinante o papel que a CJTF-OIR teve na formação e treino das FSI, em várias bases por todo o Iraque, que permitiu que logo desde 2015 fossem levadas a cabo ofensivas para recuperar o território capturado pelo Daesh no ano anterior, com destaque para a 2ª Batalha de Tikrit, e podemos assim concluir que se verifica a Hipótese de Investigação N°4.

Por último, em relação à Pergunta Derivada N°5 levantámos a hipótese: **“Sozinhas as FSI poderiam ter recapturado a cidade de Mossul, mas teriam demorado muito mais e sofrido imensas baixas”**. Esta é uma hipótese algo especulativa, pois nunca se poderá ter a certeza do que teria acontecido caso a CJTF-OIR não tivesse presente na operação. O nosso estudo permite-nos, no entanto, tecer algumas considerações com base no que observámos sobre esta campanha e sobre toda a Operação *Inherent Resolve*. Vimos que o GOI estava determinado em reconquistar o seu território e expulsar o Daesh, e que para isto lançou várias ofensivas sem sucesso, como a 1ª Batalha de Tikrit. Observámos também que as FSI começaram a depender cada vez mais do apoio da CJTF-OIR. No caso da 2ª Batalha de

Tikrit vimos que no início da operação, sem o apoio aéreo da Coligação, o avanço estagnou passadas duas semanas, e este foi necessário para recapturar a cidade. No entanto, a determinação do GOI leva-nos a concluir que uma operação para recapturar Mossul iria acontecer eventualmente, com ou sem apoio da Coligação, e neste caso os combates poderiam arrastar-se durante meses ou até anos, com imensas baixas para os iraquianos. É impossível, no entanto, concluir com certeza se esta operação seria bem-sucedida ou não, pelo que afirmamos que não se verifica a Hipótese de Investigação N°5.

5.3 Resposta às Perguntas Derivadas

De seguida iremos formular respostas completas às Perguntas Derivadas, com base nas Hipóteses levantadas e nos dados da investigação.

PD N°1: “Porque é que o Daesh foi capaz de fazer avanços tão rápidos e significativos no início de 2014?” – Vimos que existiram vários fatores que contribuíram para as vitórias do Daesh em 2014, nomeadamente o estado de degradação das FSI devido à corrupção, à liderança incompetente, e ao sectarismo, que levou a que muitas unidades oferecessem pouca ou nenhuma resistência face à ofensiva do Daesh. Para além disto, há ainda que relevar as falhas do poder político, primeiro pelas políticas sectárias que erodiram a coesão social do Iraque e permitiram o aparecimento e desenvolvimento do Daesh, e depois pela falha em agir corretamente para defender Mossul quando existiam indícios de um ataque iminente.

PD N°2: “Como se articulou a CJTF-OIR com as forças locais?” – Foi possível observar que a CJTF-OIR é composta por diversos elementos de vários ramos e de vários países, que formam unidades de organização flexível e adaptável às necessidades do combate. Para além dos elementos aéreos e navais que providenciam o apoio aéreo, existem ainda vários elementos terrestres de apoio de fogos, coordenados por equipas de JTAC e *Strike Cells* que fornecem fogos letais e precisos às FSI. Existem ainda equipas de recolha, tratamento e difusão de informação, como os SOTG, que permitem, em conjunto com plataformas de vigilância como drones e aeronaves de guerra eletrónica, garantir o Domínio da Informação no campo de batalha. Por último há que destacar a presença de equipas de instrução espalhadas por bases em todo o Iraque, e nas equipas de assessores de combate,

que através do *advise and assist* fornecem um apoio próximo, oportuno e de extrema importância às FSI durante as operações de combate.

PD N°3: “Qual a importância do domínio da informação na atuação da CJTF-OIR?” – O Domínio da Informação é uma parte vital das operações militares da atualidade, constituindo parte central da doutrina *Network Centric Warfare*, e que só através do Domínio da Informação é possível garantir a completa liberdade de ação no campo de batalha. No caso da CJTF-OIR vimos que as informações são parte vital das operações da Coligação, e que grande parte dos recursos da mesma são utilizados para recolher, processar e difundir as informações, através de redes de sensores e satélites, aeronaves tripuladas e UAVs, e de equipas de operações especiais que permitem executar ataques precisos e letais em apoio às FSI.

PD N°4: “Qual a importância do treino e formação prestado pela CJTF-OIR?” – Podemos concluir que o treino é uma parte fundamental da atuação da CJTF-OIR no Iraque, que permitiu a recuperação e reconstituição das FSI após a sua destruição parcial em 2014, e que no futuro será este esforço de treino e formação que permitirá às FSI garantirem a estabilidade do Iraque após o fim da Operação *Inherent Resolve*.

PD N°5: “Seria a conquista de Mossul possível sem a CJTF-OIR?” – Esta questão é talvez a mais difícil de responder, devido ao seu caráter especulativo. Nunca será possível ter a certeza do que aconteceria caso a CJTF-OIR não estivesse presente na Batalha de Mossul, mas a nossa investigação permite tecer algumas elações sobre o que aconteceria. Concluimos que qualquer atuação das FSI num ambiente urbano sem o apoio da CJTF-OIR seria extremamente difícil para os iraquianos, e causaria imensas baixas. Tal operação arrastar-se-ia durante muitos meses, e é impossível afirmar com certeza se as FSI seriam capazes de derrotar o Daesh sozinhas.

5.4 Resposta à Pergunta de Partida

No início da nossa investigação colocámos a questão: **“Qual a importância da CJTF-OIR no combate ao Daesh durante a Batalha de Mossul?”**. Agora iremos

responder à mesma para resumir e apresentar os conhecimentos adquiridos durante esta pesquisa.

Podemos concluir que a CJTF-OIR desempenhou um papel preponderante no combate ao Daesh. A CJTF-OIR foi criada em outubro de 2014 para organizar, coordenar e expandir as operações dos Estados Unidos e dos seus aliados contra o grupo extremista Daesh, após este ter iniciado uma rápida invasão e conquista de grande parte do Noroeste do Iraque. Desde então tem levado a cabo inúmeras ações de apoio e assistência ao Governo Iraquiano e a outros parceiros regionais com o intuito de destruir por completo o Daesh, com o destaque para o treino e formação, a assessoria, os ataques aéreos, o apoio de fogos e a operações no âmbito ISR.

Através do treino e formação foi possível reconstruir as FSI, o que permitiu que o GOI dependesse cada vez menos de milícias e outras forças de mobilização popular e lhe deu assim uma sólida capacidade de resposta militar ao Daesh. Em conjunto com as equipas de assessores, as FSI provaram-se capazes de levar a cabo uma luta difícil em ambiente urbano, em batalhas por cidades como Tikrit e Mossul, e limpam o seu nome do desastre de 2014.

O Domínio da Informação, obtido por uma vasta rede de satélites, sensores, aeronaves e equipas de operações especiais, em conjunto com especialistas na análise e processamento de informação, permitiram não só apoiar os comandantes no terreno com informações em tempo real sobre o dispositivo inimigo, mas possibilitaram ainda o recurso a fogos de precisão extrema, através de bombas ar-terra guiadas, e de munições guiadas como a M982 Excalibur e os foguetes M31.

Assim podemos afirmar com segurança que os contributos da CJTF-OIR foram de extrema importância para a vitória contra o Daesh, tanto em Mossul como no resto do Iraque.

5.6 Considerações finais

Relembrando os Objetivos da Investigação, iremos agora tecer algumas considerações finais sobre a mesma. O Objetivo Geral da Investigação era **“Compreender a forma como o combate aos grupos jihadistas radicais evoluiu na forma da *Combined Joint Task Force – Operation Inherent Resolve*, como esta foi aplicada na Batalha de Mossul e quais são as lições para o futuro”**. Este objetivo foi decomposto nos seguintes Objetivos Específicos: **“Compreender a forma como o Daesh foi capaz de crescer e de**

se sobrepor às Forças de Segurança Iraquianas”, “Caracterizar as técnicas utilizadas pelo Iraque e pela CJTF-OIR no combate ao Daesh” e por fim, “Analisar o caso da Batalha de Mosul, entre outubro de 2016 e julho de 2017 de forma a identificar os fatores que levaram ao sucesso das FSI e da CJTF-OIR.”

Vimos de forma sucinta de que forma é que as insurgências no Iraque deram origem ao Daesh e como é que o combate a estes, apesar de um sucesso inicial, falhou ultimamente e deu espaço para que o Daesh se desenvolvesse e conquistasse grande parte do território do Iraque. Esta situação foi um alerta para a comunidade internacional de que a forma como se combatia este conflito tinha que sofrer uma alteração, e esta alteração ganhou forma com a CJTF-OIR. Partindo dos exemplos das batalhas por Tikrit e Mossul, as duas maiores cidades iraquianas sob o controlo do Daesh, vimos como é que foram conduzidos os combates, de que forma é que a CJTF-OIR se articulou para apoiar as FSI, quais eram as dificuldades das mesmas quando este apoio não se verificava, e obtivemos uma perspetiva abrangente sobre a forma como a vitória em Mossul foi possível. Podemos por isso afirmar que os objetivos da investigação foram alcançados.

Por fim, resta-nos concluir que esta forma inovadora de empregar forças ocidentais em conflitos externos, nomeadamente num Conflito do Caos como é o caso do combate ao Daesh, é o culminar de um processo de aprendizagem ao longo de quase duas décadas de operações expedicionárias. Através de modelos de *Task Force* como o da CJTF-OIR é possível conferir uma grande eficácia e potencial de combate a uma força local, enquanto se empenha um pequeno número de homens e meios, reduzindo portanto o risco de baixas. Em simultâneo, este modelo de emprego de forças permite às forças locais desenvolverem as suas próprias capacidades, ajudando o governo local a restabelecer do controlo soberano do território e a combater o caos.

5.7 Limitações da Investigação

A principal limitação da nossa investigação foi a nível das fontes de informação para construir o nosso argumento. A impossibilidade de entrevistar figuras que estivessem presentes na Batalha de Mossul obrigou-nos a recorrer a fontes secundárias de informação. Estas resumiam-se em muitos casos a simples peças jornalísticas dispersas por várias fontes diferentes e de credibilidade variável, pelo que procuramos recorrer a estas o menos possível.

Por outro lado, a proximidade temporal do conflito significa que não existe um corpo bibliográfico consolidado como o que existe para conflitos mais antigos, e origina ainda a particularidade de parte da informação, nomeadamente sobre a constituição completa da CJTF-OIR e sobre algumas das ações por esta desenvolvidas serem confidenciais.

5.8 Recomendações para Estudos Futuros

Resta-nos apenas fazer algumas recomendações para investigadores que queiram abordar esta matéria com mais profundidade no futuro. Julgamos que seria possível e relevante efetuar um estudo aprofundado sobre a natureza do combate urbano em Mossul, devido à importância e à dimensão praticamente sem precedentes desta batalha. Consideramos ainda que existe também espaço para desenvolver uma investigação mais detalhada sobre a importância do Domínio da Informação nos conflitos da atualidade, uma vez que devido ao papel preponderante que este desempenhou na Batalha de Mossul e em toda a campanha contra o Daesh julgamos que seria de grande interesse explorar os efeitos da tecnologia moderna no campo de batalha.

Ambos estes estudos serão auxiliados no futuro pelo surgimento de novas fontes de informação que não estiveram disponíveis para nós, e pelo conhecimento alargado e novas perspetivas sobre a matéria possibilitadas pela distância temporal aos acontecimentos.

BIBLIOGRAFIA**Livros**

- Alberts, D. S., Garstka, J. J., & Stein, F. P. (2000). *Network Centric Warfare*. Washington, DC: Department of Defense. <https://doi.org/10.4324/9780203717455>
- Alberts, D. S., Garstka, J. J., Hayes, R. E., & Signori, D. A. (2001). *Understanding Information Age Warfare*. Washington, DC: Department of Defense. <https://doi.org/10.21236/ada386374>
- Alves, J. C., Ferreira, H. da S., & Rodrigues, C. N. (2009). *Resenha Histórico Militar das Campanhas de África (1961-1974) 14º Volume Tomo 1 “Comandos - Grupos Iniciais.”*. Lisboa: Estado Maior do Exército.
- Carrick-Adams, P. (2014). *Snow and Steel: Battle of the Bulge 1944-1945*. Londres: Random House.
- Coleman, D. Y. (2013). A Brief History of Iraq. In *Iraq Country Review*. Houston: CountryWatch Incorporated.
- Gray, Tavares, Kahn, Arnold, Bird, Dunham, ... Owens. (1984). *Operation Torch*. Fort Leavenworth: Combat Studies Institute.
- Lucas, J. (2014). *Battle Group! German Kampfgruppen Action of World War Two*. Frontline Books.
- Marr, P., & Al-Marashi, I. (2018). *The Modern History of Iraq* (4ª, Vol. 84). Nova Iorque: Taylor & Francis.
- Pires, N. L. (2016). *Resposta ao Jihadismo Radical*. Alcochete: Nexo.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas de Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. Novo Hamburgo: Universidade Feevale. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Rosado, D. P. (2015). *Sociologia da Gestão e das Organizações* (1ª). Lisboa: Gradiva.
- Santos, J. L. (2016). *A Guerra no meio de nós - A realidade dos conflitos no século XXI* (1ª). Lisboa: Clube do Autor.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- Telo, A. J., Borges, J. V., & Pires, N. L. (2018). *Dar uma Razão à Força e uma Força à Razão*. Alcochete: Nexo.

- Telo, A., & Lemos Pires, N. (2013). *Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação 1973-2013*. Cascais: Princípia.
- Tucker, S. C. (2010). *The Encyclopedia of Middle East Wars: The United States in the Persian Gulf, Afghanistan, and Iraq Conflicts*. Santa Bárbara: ABC-CLIO.

Artigos

- Abdulrazaq, T., & Stansfield, G. (2016). The Enemy Within: ISIS and the Conquest of Mosul. *The Middle East Journal*, 70(4), 525–542. <https://doi.org/10.3751/70.4.11>
- Berntsen, A. (2015). *The rise of ISIS*. Princeton University. Acedido a 22 de abril de 2019 em https://www.academia.edu/11931486/The_Rise_of_ISIS
- Bilgin, P. (2016). What is the point about Sykes–Picot? *Global Affairs*, 2(3), 355–359. <https://doi.org/10.1080/23340460.2016.1236518>
- Coleman, D. Y. (2013). A Brief History of Iraq. *Iraq Country Review* (pp. 7–11). Houston: CountryWatch Incorporated.
- Dury-Agri, J. R., Kassim, O., & Martin, P. (2017). *Iraqi Security Forces and Popular Mobilization Forces: Orders of Battle*. Washington, DC. Acedido a 22 de abril de 2019 em [http://www.understandingwar.org/sites/default/files/Iraq - ISF PMF Orders of Battle_0.pdf](http://www.understandingwar.org/sites/default/files/Iraq_-_ISF_PMF_Orders_of_Battle_0.pdf)
- Frantzman, S. J. (2016). Mosul: The Origins and Future of Competing Agendas Over Retaking the City From ISIS. *Middle East Review of International Affairs*, 20(2). Acedido a 22 de abril de 2019 em https://www.academia.edu/28299404/Mosul_The_origins_and_future_of_competing_agenda_over_retaking_the_city_from_ISIS
- Gates, S., & Podder, S. (2015). Social Media, Recruitment, Allegiance and the Islamic State. *Perspectives on Terrorism*, 9(4), 107–116. <https://doi.org/10.2307/26297419>
- Gurcan, M. (2014). *ISIS Military Strategy*. Acedido a 22 de abril de 2019 em https://www.academia.edu/8063365/ISS_MILITARY_STRATEGY-2
- Hamilton, E. (2008). The Fight for Mosul. *Iraq Report*, 27(March), 1–28. Acedido a 19 de março de 2019 em [http://www.understandingwar.org/sites/default/files/reports/Iraq Report 8.pdf](http://www.understandingwar.org/sites/default/files/reports/Iraq_Report_8.pdf)
- Hasim, A. (2006). *Insurgency and counterinsurgency in Iraq. Studies in Conflict and Terrorism*. Ithaca: Cornell University Press.

- <https://doi.org/10.1080/10576100500522173>
- Hughes, G. (2010). The insurgencies in Iraq, 2003-2009: Origins, developments and prospects. *Defence Studies*, 10(1-2), 152-176. <https://doi.org/10.1080/14702430903497783>
- International Crisis Group. (2014). *Iraq's Jihadi Jack-in-the-Box. Middle East Briefing* (Vol. 38). Beirute/Bruxelas.
- Knights, M. (2017). *The "End of the Beginning": The Stabilization of Mosul and Future U.S. Strategic Objectives in Iraq*. Washington Institute for Near East Policy. Acedido a 22 de abril de 2019 em <http://www.washingtoninstitute.org/uploads/Documents/testimony/KnightsTestimony20170228.pdf>
- Kube, C., Mitchell, A., Windrem, R., Johnson, A., & Miklaszewski, J. (2014, August 8). Obama Authorizes "Targeted" Airstrikes Against ISIS in Iraq. *NBC World News*. Acedido a 26 de abril de 2019 em <https://www.nbcnews.com/storyline/iraq-turmoil/obama-authorizes-targeted-airstrikes-against-isis-iraq-n175201>
- Losey, S. (2017). Air Force General: ISIS to be driven out of Mosul "within days." Acedido a 25 de abril de 2019 em <https://www.airforcetimes.com/news/your-air-force/2017/07/07/air-force-general-isis-to-be-driven-out-of-mosul-within-days/>
- Lousada, A. P., Escorrega, L. F., & Menezes, A. C. (2011). Fernando Cavaleiro e a Operação Tridente Conjuntura Político-Estratégica. *Jornal Do Exército*, LII(602), 217-228. Acedido a 26 de abril de 2019 em <http://arquivodigital.defesa.pt/Images/winlibimg.aspx?skey=&doc=341012&img=15389>
- Mallya, S. (2015). Battle of Tikrit: An Analysis. *Issue Brief*, (54). Acedido a 26 de abril de 2019 em https://www.claws.in/images/publication_pdf/269854790_IB-54Sameer18-05-15.pdf
- O'Driscoll, D. (2016). *The Future of Mosul: Before, During and After the Liberation*. Erbil: Middle East Research Institute. Acedido a 11 de março de 2019 em https://www.academia.edu/28571168/ODriscoll_Dylan._2016_The_Future_of_Mosul_Before_During_and_After_the_Liberation._MERI_Policy_Report_pp._1-60
- O'Driscoll, D. (2017). Autonomy Impaired: Centralisation, Authoritarianism and the Failing Iraqi State. *Ethnopolitics*, 16(4), 315-332. <https://doi.org/10.1080/17449057.2015.1086126>
- Oosterveld, W. T., & Bloem, W. (2017). *The Rise and Fall of ISIS: From Evitability to*

- Inevitability. HCSS StratMon Annual Report*. Acedido a 20 de fevereiro de 2019 em <http://hcss.nl/report/volatility-and-friction-age-disintermediation>
- Renard, T., & Taillat, S. (2008). Between Clausewitz and Mao : Dynamic Evolutions of the Insurgency and Counterinsurgency in Iraq (2003-2008). *Small Wars Journal*. Acedido a 20 de fevereiro de 2019 em <https://smallwarsjournal.com/blog/journal/docs-temp/111-renard.pdf>
- Shamieh, L., & Szenes, Z. (2015). The Rise of ISIS. *AARMS*. <https://doi.org/10.1038/nmat1849>
- Van Wilgenburg, W., & Fumerton, M. (2015). Kurdistan's Political Armies: The Challenge of Unifying the Peshmerga Forces. *Civil-Military relations in Arab States*. Beirute. Acedido a 25 de abril de 2019 em https://carnegieendowment.org/files/ACMR_WilgenburgFumerton_Kurdistan_English_final.pdf
- Volesky, G., & Noble, R. (2017). Theater Land Operations. *Military Review*, (November 2016), 1–9. Acedido a 10 de março de 2019 em <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/Army-Press-Online-Journal/documents/Volesky-v2.pdf>
- Watson, B. (2017). What the Largest Battle of the Decade Says about the Future of War. Acedido a 10 de março de 2019 em <https://www.defenseone.com/feature/mosul-largest-battle-decade-future-of-war/>
- White, A. (2018, July). Internation Special Operations Forces. *Special Operations Outlook*, 58–65. Acedido a 25 de abril de 2019 em <https://specialoperationsoutlook.com/digital-edition/>
- Witty, D. (2015). *The Iraqi Counter Terrorism Service*. Washington, DC. Acedido a 20 de fevereiro de 2019 em https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/David-Witty-Paper_Final_Web.pdf

Relatórios

- Amnistia Internacional. (2015). Taking Stock: The Arming of the Islamic State. Londres. Acedido a 20 de abril de 2019 em <https://www.amnesty.org/download/Documents/MDE1428122015ENGLISH.PDF>
- Arnold, T. D., & Fiore, N. (2019). *Five Operational Lessons from the Battle for Mosul*.

- Military Review*, (Janeiro/Fevereiro). Acedido a 15 de março de 2019 em <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/JF-19/Arnold-Fiore-Lessons-Mosul.pdf>
- Center for Army Lessons Learned. (2016). *ARCENT Transition to Combined Joint Task Force - Operation Inherent Resolve*. Fort Leavenworth. Acedido a 14 de março de 2019 em <https://usacac.army.mil/sites/default/files/publications/16-10.pdf>
- Dury-Agri, J. R., Kassim, O., & Martin, P. (2017). *Iraqi Security Forces and Popular Mobilization Forces: Orders of Battle*. Washington, DC. Acedido a 23 de abril de 2019 em http://www.understandingwar.org/sites/default/files/Iraq - ISF PMF Orders of Battle_0.pdf
- Greenwood, J. T. (1993). *The U.S. Army and Amphibious Warfare During World War II*. U.S. Army Center of Military History. Acedido a 3 de abril de 2019 em <https://www.jstor.org/stable/26304100>
- Gunduz, I. (2017). *The Islamic State of Iraq and al-Sham and Its Urban Warfare Tactics*. The Foreign Military Studies Office. Fort Leavenworth. Acedido a 20 de março de 2019 em <https://community.apan.org/wg/tradoc-g2/fmso/m/fmso-monographs/195102>
- House, J. (1984). *Toward Combined Arms Warfare: A Survey of 20th Century Tactics, Doctrine and Organization*. Fort Leavenworth. Acedido a 23 de abril de 2019 em <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/combats-studies-institute/csi-books/house.pdf>
- Mcinnis, K. J. (2016). *Coalition Contributions to Countering the Islamic State*. Congressional Research Service. Acedido a 22 de janeiro de 2018 em <https://fas.org/sgp/crs/natsec/R44135.pdf>
- Mosul Study Group. (2017). *What the Battle for Mosul Teaches the Force*. Fort Leavenworth. Acedido a 20 de março de 2019 em [https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/Primer-on-Urban-Operation/Documents/Mosul%20\(Public%20Release\).pdf](https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/Primer-on-Urban-Operation/Documents/Mosul%20(Public%20Release).pdf)
- Strachan, A.L. (2017). *Factors behind the fall of Mosul to ISIL (Daesh) in 2014*. K4D Helpdesk Report. Brighton: Institute of Development Studies. Acedido a 22 de janeiro de 2018 em <https://www.ohchr.org/Documents/Countries/IQ/UNAMIRreport1May31October2015.pdf>
- Training and Doctrine Command. (2015). *Threat Tactics Report*. Fort Leavenworth. Acedido a 21 de abril de 2019 em <https://community.apan.org/wg/tradoc-g2/ace-threats-integration/m/.../download>

- UN Habitat. (2016). *City Profile of Mosul, Iraq*. Acedido a 14 de abril de 2019 em https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/UN-Habitat_MosulCityProfile_V5.pdf
- United Nations Assistance Mission for Iraq. (2014). *Report on the Protection of Civilians in Armed Conflict in Iraq : 11 September – 10 December 2014*. Acedido a 14 de abril de 2019 em https://www.ohchr.org/Documents/Countries/IQ/UNAMI_OHCHR_Sep_Dec_2014.pdf
- United Nations Assistance Mission for Iraq. (2015). *Report on the Protection of Civilians in Armed Conflict in Iraq : 1 May - 31 October 2015*. Acedido a 14 de abril de 2019 em <https://www.ohchr.org/Documents/Countries/IQ/UNAMIRreport1May31October2015.pdf>
- University Publications of America (1990). *U.S. Navy Action and Operational Reports from World War II, Pacific Theater*. Bethesda. Acedido a 4 de março de 2019 em <https://www.bsb-muenchen.de/mikro/lit2463.pdf>
- West, M. B. (1999). *Evolution of the Marine Expeditionary Brigade*. Quantico: USMC Command and Staff College. Acedido a 4 de março de 2019 em <https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a496113.pdf>

Palestras

- Work, P. (2018). *Battle of Mosul Colonel Pat Work*. Acedido a 10 de março de 2019 em <https://mwi.usma.edu/mwi-video-battle-mosul-col-pat-work/>

Teses

- Blizinski, M. G. (2016). *Defeating ISIS in Iraq: An analysis of the Counterinsurgency Strategy used to liberate the City of Tikrit*. Honors Thesis. Texas State University, San Marcos

Documentos Institucionais

- Academia Militar. (2016). *ME 00-12-34 TÁTICA GERAL E OPERAÇÕES MILITARES*.

Lisboa: Academia Militar.

Ministério da Defesa Nacional. (2009). *PDE 2-00 Informações, Contra-informação e Segurança*. Ministério da Defesa Nacional.

Office of the Chairman of the Joint Chiefs of Staff. (2014). *JP 3-13 Information Operations*. Washington, DC: Department of Defense. <https://doi.org/10.1016/j.jalz.2006.05.1401>

Office of the Chairman of the Joint Chiefs of Staff. (2019). *DOD Dictionary of Military and Associated Terms*. (The Joint Staff, Ed.). Washington, DC: Department of Defense. <https://doi.org/10.1016/j.berh.2003.09.003>

Páginas Web

British Broadcasting Company. (2017). How the battle for Mosul unfolded. Acedido a 3 de março de 2019 em <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-37702442>

Combined Joint Task Force Operation Inherent Resolve. (2017a). Combined Joint Task Force Operation Inherent Resolve Fact Sheet. Acedido a 10 de março de 2019 em <https://www.inherentresolve.mil/About-CJTF-OIR/>

Combined Joint Task Force Operation Inherent Resolve. (2017b). Historic Mosque destroyed by ISIS. Acedido a 10 de março de 2019 em <https://www.inherentresolve.mil/Media-Library/Article/1225209/historic-mosque-destroyed-by-isis/>

Combined Joint Task Force Operation Inherent Resolve. (2017c). History of CJTF-OIR. Acedido a 10 de março de 2019 em https://www.inherentresolve.mil/Portals/14/Documents/Mission/HISTORY_17OCT2014-JUL2017.pdf?ver=2017-07-22-095806-793

Combined Joint Task Force Operation Inherent Resolve. (2017d). Iraqi Security Forces liberate Mosul. Acedido a 10 de março de 2019 em <https://www.inherentresolve.mil/Media-Library/News-Releases/Article/1241247/iraqi-security-forces-liberate-mosul/>

Baldaia, B. (2015). Por que devemos dizer "Daesh" em vez de "Estado Islâmico"? Acedido a 22 de abril de 2019 em <https://www.tsf.pt/internacional/interior/por-que-devemos-dizer-daesh-em-vez-de-estado-islamico-4890071.html>

Glenn, C. (2019). Timeline: the Rise, Spread and Fall of the Islamic State. Acedido a 1 de abril de 2019 em <https://www.wilsoncenter.org/article/timeline-the-rise-spread-and-fall-the-islamic-state>

- Abbas, Y., & Trombly, D. (2014). Inside the Collapse of the Iraqi Army's 2nd Division. Acedido a 4 de abril de 2019 em <http://warontherocks.com/2014/07/inside-the-collapse-of-the-iraqi-armys-2nd-division/>
- Kube, C., Mitchell, A., Windrem, R., Johnson, A., & Miklaszewski, J. (2014, August 8). Obama Authorizes "Targeted" Airstrikes Against ISIS in Iraq. *NBC World News*. Acedido a 22 de abril de 2019 em <https://www.nbcnews.com/storyline/iraq-turmoil/obama-authorizes-targeted-airstrikes-against-isis-iraq-n175201>
- Losey, S. (2017). Air Force General: ISIS to be driven out of Mosul "within days." Acedido a 25 de abril de 2019 em <https://www.airforcetimes.com/news/your-air-force/2017/07/07/air-force-general-isis-to-be-driven-out-of-mosul-within-days/>
- Salman, R., & Parker, N. (2014). Fall of Mosul aided by Iraq's political distrust. Acedido a 4 de abril de 2019 em <https://www.reuters.com/article/us-iraq-security-stalemate/fall-of-mosul-aided-by-iraqs-political-distrust-idUSKBN0EO1J020140613>
- Tooth, J. P. (2015). Why Does Islamic State Hate Being Called "Daesh." Acedido a 22 de abril de 2019 em <https://www.forces.net/news/why-does-islamic-state-hate-being-called-daesh>
- Parker, N., Coles, I., & Salman, R. (2014). An Iraqi General Says Baghdad Is Wrong About How Mosul Fell To ISIS. Acedido a 4 de abril de 2019 em <https://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-gharawi-special-report/special-report-how-mosul-fell-an-iraqi-general-disputes-baghdads-story-idUSKCN0I30Z820141014>
- United States Marine Corps. (2019). Marine Air-Ground Task Force. Acedido a 1 de abril de 2019 em <https://www.marines.com/what-we-do/air-ground-and-sea.html>
- Yuhas, A. (2014, December 19). US general rebrands Isis "Daesh" after requests from regional partners. *The Guardian*. Acedido a 22 de abril de 2019 em <http://www.theguardian.com/world/2014/dec/19/us-general-rebrands-isis>
- Dolgov, A. (2015, December 4). What's in a Name - Russia Replaces "Islamic State" With "Daesh." *The Moscow Times*. Acedido a 22 de abril de 2019 em <https://www.themoscowtimes.com/2015/12/04/whats-in-a-name-russia-replaces-islamic-state-with-daesh-a51070>
- Morris, L. (2016, June 26). The force leading the Iraq army's fight against ISIS went from 'dirty division' to golden boys. *The Washington Post*. Acedido a 22 de abril de 2019 em https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/the-force-leading-the-iraqi-militarys-fight-against-isis-went-from-dirty-division-to-golden-

boys/2016/07/25/8e6b0164-389e-11e6-af02-
1df55f0c77ff_story.html?utm_term=.fb71a03c5543

Chase, S. (2017, April 8). Canadian forces providing crucial support in battle to recapture Mosul. Acedido a 24 de abril de 2019 em <https://www.theglobeandmail.com/news/politics/canadian-forces-providing-crucial-support-in-battle-to-recapture-mosul/article32403507/>

United States Army. (2019a). Excalibur Precision 155mm Projectiles. Acedido April 30, 2019, from <https://asc.army.mil/web/portfolio-item/ms-himars-m142/>

United States Army. (2019b). High Mobility Artillery Rocket System (HIMARS) M142. Acedido a 30 de abril de 2019 em <https://asc.army.mil/web/portfolio-item/ms-himars-m142/>

APÊNDICES

Apêndice A – Armamento Ligeiro do Daesh

A seguinte tabela, assim como a do Apêndice B, foram realizadas com base em dados retirados de relatórios da Amnistia Internacional (2015) e do TRADOC (2015).

Tabela 3 – Armamento Ligeiro do Daesh

ARMAMENTO LIGEIRO	
ESPINGARDAS AUTOMÁTICAS	AKM/AKMS
	M70B1/AB1/AB2
	Type 56/56-1/56-2
	Tabuk
	AK-74M
	M16/M4
	X15E2S
	G3
	FAL
	vz.52
	SKS
ESPINGARDAS DE PRECISÃO	SVD
	PSL
	Mk14 EBR
	SSG 69
	EM-992
	KKJ
	AM-50
M99	
METRALHADORAS LIGEIRAS	PK/PKM
	RPK-74
	RP-46
	KGK
	M249
	M240
	MG3
M1919A6	
PISTOLAS	Hi-Power
	Glock 19
	HS2000
	P99
	M9/92FS
LANÇA-GRANADAS	GP-25
	GP-30M
	UBGL-M7
	RGB-6
ARMAS ACAR NÃO GUIADAS	RPG-7
	RB-M57
	RPG-75
	SPG-9
	M60
	M79
B-10	

Fonte: Elaboração Própria

Apêndice B – Armamento Pesado do Daesh

Tabela 4 – Armamento Pesado do Daesh

ARMAMENTO PESADO	
METRALHADORAS PESADAS	DShK/DShKM
	M2HB
	KPV/KPVT
AUTOCANHÕES	ZU-23-2
	2A14
	S-60
	M1939
	Type 69
	TOW-2A
ARMAS ACAR GUIADAS	9K135 Kornet
	9K115-2 Metis-M
	9M17M Skorpion-M
	9M14/9M14M Maljutka
	9K111 Fagot
	HJ-8
	MILAN
	HOT
MORTEIROS	Al-Jaleel
	82-PM-41
	82-BM-37
ARMAS ANTI-AÉREAS (MANPADS)	9K32M Strela
	SA-16
	SA-7
	FN-6
PEÇAS DE ARTILHARIA	M198
	M-46
	Type 59-1
	D-30
	M-30
	Type 63
LANÇA FOGUETES MÚLTIPLOS	BM-21/21M
	Falaq-1
CARROS DE COMBATE	T-54/55
	T-62
	Type-69-II
	M1A1M
	T-72
BLINDADOS DE TRANSPORTE DE PESSOAL	BMP-1
	MT-LB
	M113A2
	M1117
	HMMWV
	MRAP

Fonte: Elaboração Própria

ANEXOS

Anexo A – Ataques Aéreos da Coligação no Iraque, entre agosto de 2014 e janeiro de 2019

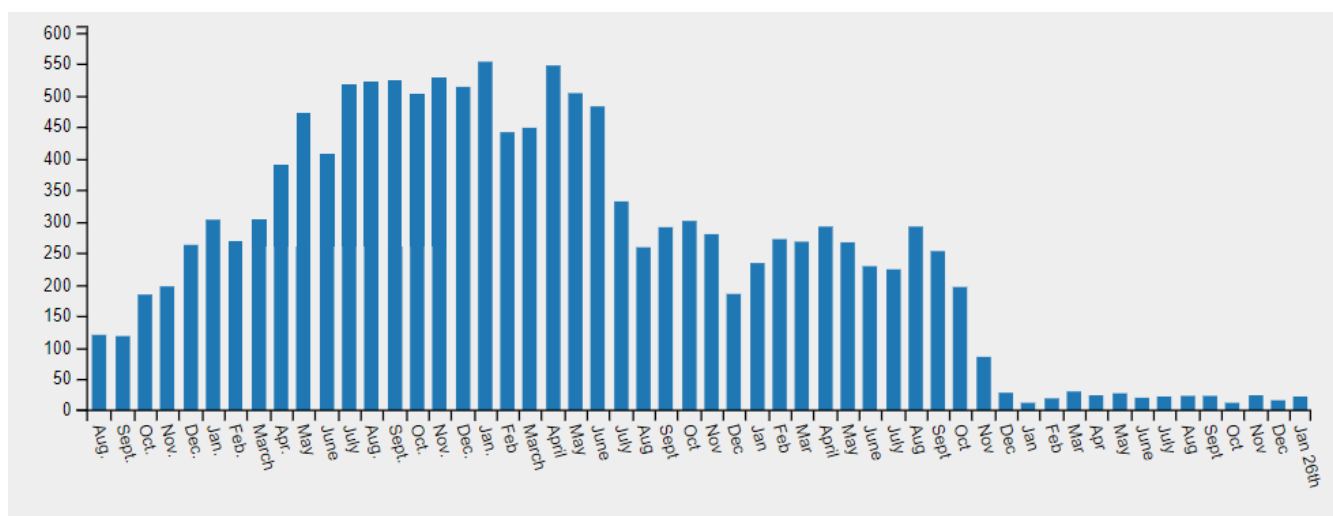


Figura 8 - Ataques Aéreos da Coligação no Iraque, entre agosto de 2014 e janeiro de 2019

Fonte: <https://airwars.org/data/>

Anexo B - Ataques Aéreos da Coligação durante a ofensiva em Mossul

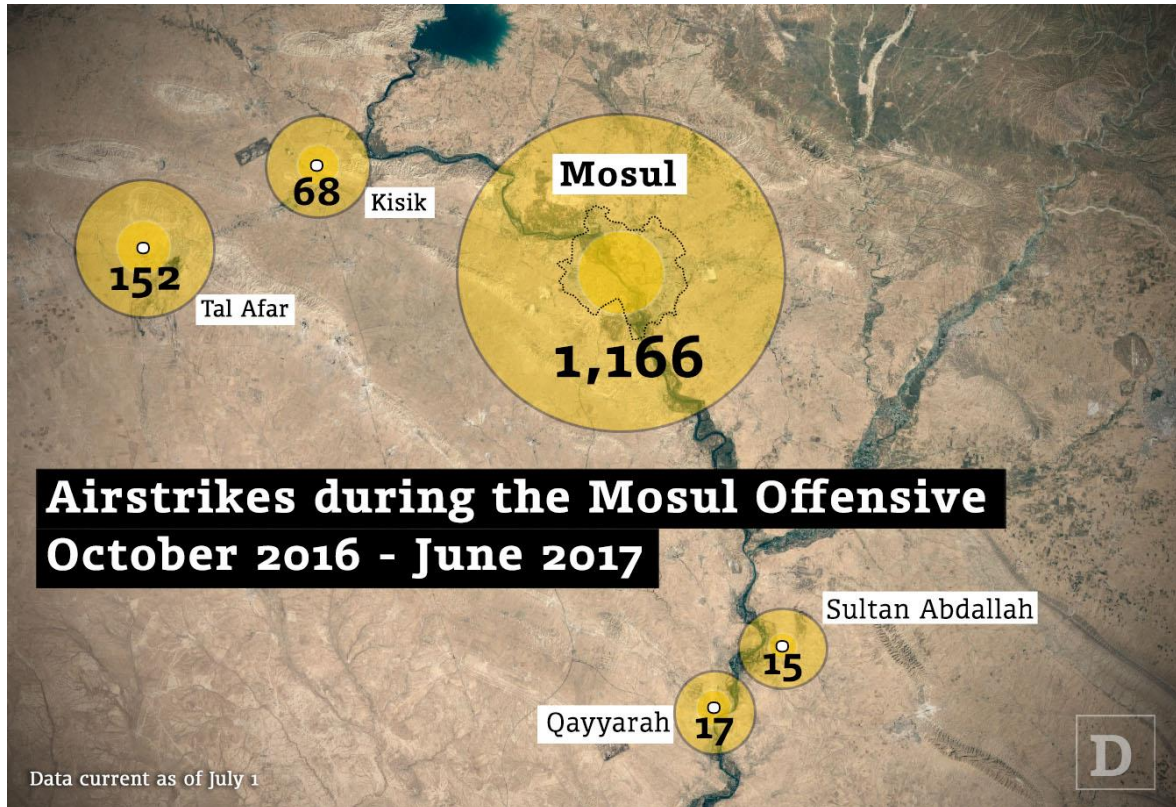


Figura 9-Ataques Aéreos da Coligação durante a ofensiva de Mossul

Fonte: <https://www.defenseone.com/feature/mosul-largest-battle-decade-future-of-war/#halfway-there>

Anexo C – Avanço das FSI

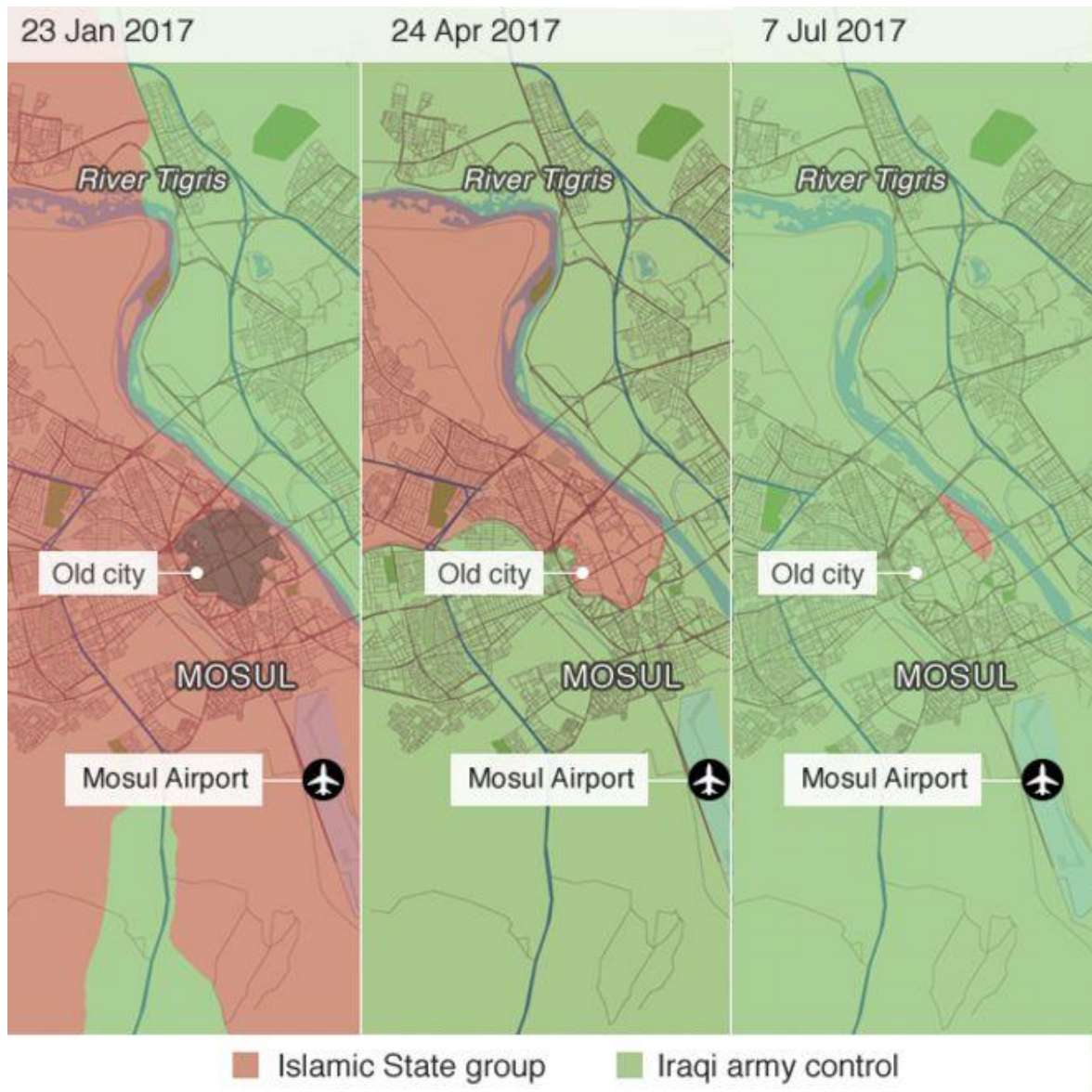


Figura 10 – Mapa do Avanço das FSI entre janeiro e julho de 2017

Fonte: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-37702442>

Anexo D – Composição de uma Strike Cell

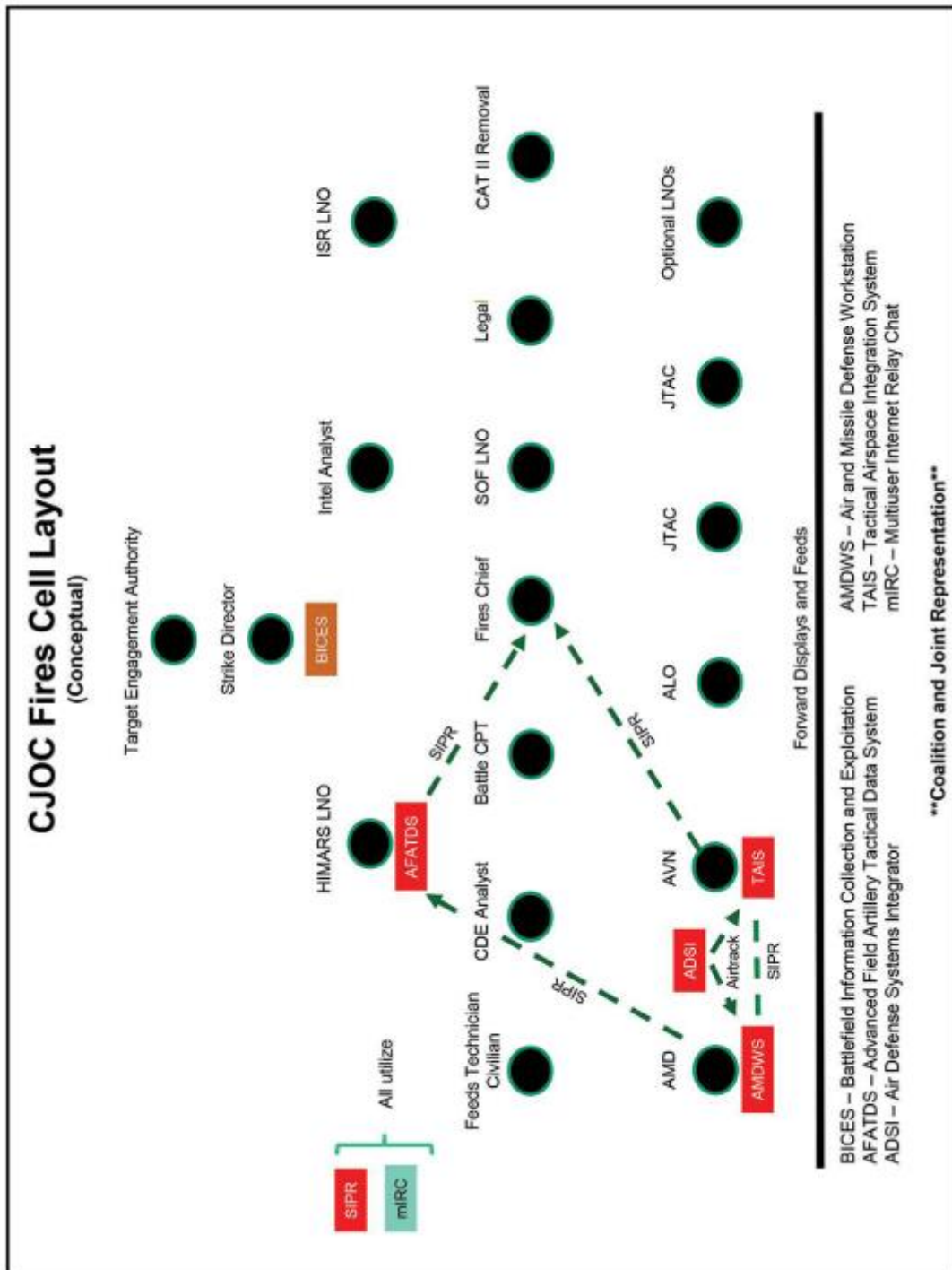


Figura 11 – Composição genérica de uma *Strike Cell*

Fonte: Mosul Study Group, 2017